

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

SULAMITA ALVES DE OLIVEIRA

**PASSADO, PRESENTE E FUTURO: A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO  
ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO DE TORNAR-SE  
PROFESSORA**

VITÓRIA  
2021

SULAMITA ALVES DE OLIVEIRA

**PASSADO, PRESENTE E FUTURO: A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO  
ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO DE TORNAR-SE  
PROFESSORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Centro de Educação Física e Desportos da  
Universidade Federal do Espírito Santo, como  
requisito parcial para a obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física.  
Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Rosianny Campos Berto

VITÓRIA  
2021

SULAMITA ALVES DE OLIVEIRA

**PASSADO, PRESENTE E FUTURO: A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO  
ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO DE TORNAR-SE  
PROFESSORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 07 de outubro de 2021

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosianny Campos Berto  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kezia Rodrigues Nunes  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Aline Britto Rodrigues  
Instituto Federal da Bahia

## AGRADECIMENTOS

*“[...] Ebenézer; e disse: Até o Senhor nos ajudou”. (1º Sm 7,12)*

Primeiramente, a Deus porque sem Ele eu não teria chegado até aqui.

Aos meus pais que me apoiaram em todo o tempo e fizeram o possível e o impossível para que eu pudesse me formar e principalmente ser quem eu sou hoje.

Agradeço aos meus avós paternos e a minha avó materna que investiram em mim e contribuíram bastante para a minha formação durante todos esses anos.

Agradeço aos meus tios, ao Thiago e toda a minha família, que sempre me incentivaram e me apoiaram a ir atrás dos meus sonhos.

Às minhas melhores amigas Daniella e Bianca que nesses cinco anos estiveram comigo todos os dias, sem exceção.

A Diego Correa, João Pedro e Bruno Resende, amigos que muito colaboraram com a minha formação profissional e pessoal.

À turma Tiradentes 2017/1 que sempre me impulsionaram a continuar e não desistir.

À professora e minha orientadora Rosianny, que foi luz em minha vida. Me permitiu encontrar o caminho que eu queria percorrer até a saída, foi paciente, compreensiva e uma grande incentivadora.

À professora Silvana Ventrorm, uma amiga em que compartilhou comigo conselhos e conhecimentos para além da universidade, para a vida.

À professora Kezia que além de compor a banca fez parte diretamente do meu processo de formação e a professora Aline Britto que aceitou conhecer a minha trajetória, a somar comigo e também fazer parte desse tão sonhado trabalho.

À Escola São Camilo que me proporcionou boa parte das minhas experiências narradas aqui da minha infância, todas elas contribuintes para a minha construção.

E ao eterno e especial Professor Joaquim (in memoriam) que foi e é a minha maior referência do ser Professor de Educação Física. Serei eternamente grata pela semente que ele plantou em meu coração e que hoje floresce com a minha formação na Licenciatura em Educação Física.

Passado, presente e futuro devem coexistir harmonicamente na mente humana. Quando um deles é priorizado e os demais são totalmente esquecidos surge alguma espécie de desequilíbrio, ou, no mínimo, a hipótese de que algo não está correto, não está bem.

Machado de Assis

## RESUMO

Trata-se de um memorial que tem como objetivo produzir reflexões sobre a formação escolar e acadêmica, possibilitando uma leitura crítica a respeito das próprias experiências da autora. Apresenta uma relação entre passado-presente-futuro a partir das narrativas das memórias de infância juntamente com as memórias da Educação Física Escolar, das experiências significativas durante o processo de formação inicial e dos questionamentos a respeito do ser professora e de exercer a docência no futuro. Com o processo de reflexão, proporcionado pela escrita autobiográfica, percebe-se que as experiências sociocorporais vividas na infância influenciaram a escolha de cursar a Licenciatura em Educação Física e constituíram os saberes a respeito da área. Também é possível enxergar mudanças e transformações que aconteceram ao longo da passagem pela universidade pública, pois a formação inicial abriu oportunidades, permitindo que ampliação da visão de mundo devido às experiências vividas nos espaços da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Palavras-chave: Memorial de formação. Narrativas. Memórias de Infância. (Auto)biografia. Formação Inicial.

## LISTAS DE SIGLAS

ATIF – Atividade Interativa de Formação  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CEET – Centro Estadual de Educação Técnica  
CEFD – Centro de Educação Física e Desportos  
CMEEC – Conhecimento e Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos  
CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil  
CNE/ CP – Conselho Nacional de Educação.  
COVID – Corona Virus Disease  
EARTE – Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial  
ECS – *Estágio* Curricular Supervisionado  
EDF – Educação Física  
EF – Ensino Fundamental  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
NEPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais  
PCA – Prática Corporal de Aventura  
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
PIIC – Programa Institucional de Iniciação Científica  
RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte  
SISU – Sistema de Seleção Unificada  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo  
UEM – Universidade Estadual de Maringá  
UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – A autora na educação infantil.....	29
Figura 2 - A primeira medalha em competição e o pódio com o pai.....	30
Figura 3 – Autora e a mãe na primeira participação nas Olimpíadas.....	31
Figura 4 – Medalhas da Autora (2004 - 2014).....	32
Figura 5 – Time Feminino do meu 2º ano do Ensino Fundamental.....	35
Figura 6 – Medalha de Ouro.....	35
Figura 7 – 9º ano A.....	36
Figura 8 – Turma 1º Ar nas Olimpíadas em 2013 .....	37
Figura 9 – Postagem nas redes sociais.....	46
Figura 10 – Espetáculo de Circo na Oficina de Ginástica. ....	50
Figura 11 – Time Tiradentes! .....	51



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....</b>	<b>12</b>
<b>2. UMA DIREÇÃO, O MEU NORTE .....</b>	<b>17</b>
<b>3 REVISITANDO AS MEMÓRIAS PARA O SABER DE SI.....</b>	<b>28</b>
<b>4 NADA FOI POR ACASO, COMO EU IMAGINEI .....</b>	<b>40</b>
<b>5 A IDENTIFICAÇÃO COM O SER PROFESSORA POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....</b>	<b>54</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao meu passado  
Eu devo o meu saber e a minha ignorância  
As minhas necessidades, as minhas relações  
A minha cultura e o meu corpo  
Que espaço o meu passado deixa para a minha  
liberdade hoje?  
(Ana Clara Caetano Costa / Vitoria Fernandes Falcão)

Partindo das minhas memórias de infância e das experiências que tive na Educação Física escolar, a elaboração deste memorial é baseada na produção de reflexões sobre a minha formação escolar e acadêmica, possibilitando uma leitura crítica a respeito das minhas próprias experiências, além de compreender a relação entre essas memórias e a escolha da graduação em Educação Física.

Alguns estudos apontam que um dos fatores que interferem na escolha do curso de formação profissional, são as experiências já vivenciadas pelos futuros estudantes da graduação. Segundo Figueiredo (2008), as experiências construídas pelos alunos no decorrer dos ensinamentos fundamental e médio são consideradas no momento da escolha do curso. A autora salienta que é impossível deixar de lado as evidências de que há uma relação entre as experiências anteriores das pessoas e suas escolhas. Sendo assim, ao longo da minha graduação fui usufruindo da certeza de que as minhas experiências na Educação Física Escolar, focando no ensino fundamental, influenciaram minha escolha de cursar Educação Física Licenciatura, mesmo que por um acaso. Vai muito mais além do que apenas escolher o curso.

As minhas relações do passado, o meio em que vivi e cresci também influenciam na minha formação inicial. Figueiredo (2004), defende, ainda, que a experiência social, construída durante sua trajetória, dentro e fora da escola, interfere, influencia ou, de alguma forma, modela o perfil de formação inicial.

Não é que somos imutáveis, que o que nos construiu no passado não possa ser mudado e transformado. Muitas coisas dentro de mim se transformaram durante a minha passagem pela graduação em Educação Física. Mas é reconhecer que a minha trajetória até aqui é importante e relevante para o que sou hoje como pessoa e como profissional que estou me tornando. Conforme a letra da música acima, ao meu

passado eu devo a minha cultura, o meu saber e as minhas relações. As experiências da minha trajetória de vida são fundamentais e me ajudaram a constituir os meus saberes.

A produção dos saberes docentes é dotada de intencionalidades que variam segundo a formação, histórias de vida e ideologias a que os professores foram submetidos. Para entender como esses saberes se constituem, é necessário que os docentes reflitam sobre suas ações e objetivos no ato de ensinar, na medida em que só constituem “saberes” os pensamentos, as ideias, as ações, os discursos e os argumentos que obedecem a certas exigências de racionalidade (OLIVEIRA et al. 2016 p. 362).

É com este memorial que vou relatar crítica e reflexivamente meus processos de formação escolar e acadêmica compreendendo como fui me tornando docente através das relações entre o passado e o presente, e as minhas experiências na Educação Física Escolar, relacionando com a minha escolha da graduação, respondendo assim à pergunta: “Existe relação entre as memórias das aulas de Educação Física e a escolha do curso de graduação?”

É importante ressaltar que o memorial também ganha outro sentido quando é construído durante a pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, em meio às paralisações das aulas na universidade e nas escolas, dos estágios obrigatórios e não obrigatórios, das atividades e dos projetos de extensão. A escrita das experiências vividas foi dando lugar a dúvidas, a conflitos interiores, a um desânimo e a um afastamento da docência e da Educação Física, angústias em relação ao futuro e a reflexões mais intensas a respeito da identidade de ser professora.

Durante a graduação, nas aulas da disciplina “Seminário Articulador de Conhecimento”, muito se falou e discutiu sobre a escrita de um memorial e a importância de se refletir sobre a própria formação acadêmica e a prática docente para uma análise crítica da profissão. Me lembro da primeira vez que o professor da disciplina, Francisco Eduardo Caparróz<sup>1</sup> trouxe esse tema para ser discutido. Com um fascículo ele explicou sobre portfólio. Eu que sempre amei escrever histórias e todo

---

<sup>1</sup> Doutorando em Desarrollo Profes e Instit. Para La Calidad Educati. Universitat de Barcelona, UB, Espanha na área de Ciências Humanas. Mestre em Educação: História, Política, Sociedade (Conceito CAPES 5). Graduado em Educação Física na Faculdades Integradas de Guarulhos, FIG, Brasil. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4577422234823111>>. Acesso em: 20 set 2021

ano comprava diários, me vi fascinada pelo tema. Aliás, eu sou uma amante das memórias. Gosto de resgatar fotos antigas e lembranças do meu passado. Em um outro momento a professora Kezia Rodrigues Nunes<sup>2</sup> da disciplina de Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I, me apresentou o autor Larrosa ao pedir para que os alunos escrevessem um memorial em relação às experiências da Educação Física Escolar no Ensino Fundamental juntamente com as reflexões do texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revisitando essas memórias e a própria atividade, vejo que em minha passagem pela graduação, mesmo sem perceber no primeiro momento, a escrita de um memorial muito me agradava e de certa forma me tocava, mas ainda não tinha uma maturidade a respeito dessa abordagem.

Terei mesmo uma história?

Vale a pena contá-la?

O que é que os outros vão pensar de mim a partir do que vou contar?

O que foi significativo na minha vida?

O que contar de mim entre tudo o que é possível contar?

O que desejo partilhar ou guardar para mim?

O que vou fazer com as questões e com o olhar dos outros?

Como vou dar conta do caminho interior que acompanha os “fatos” da minha vida?

Como podemos falar de nós de forma que isso possa ser interessante para todo o grupo?

A minha vida é como a de todos os outros?, o que há de especial para ser contado?

(JOSSO, 2004, p. 65)

Entendo que o memorial é um trabalho que relata a trajetória do autor, possibilitando registros dos momentos da vida escolar e acadêmica que se relacionam e constituem a formação na graduação e o trabalho do docente. Apesar de perceber que muitos alunos e até professores não dão o verdadeiro valor à escrita de um memorial, principalmente como forma de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e de considerar que não teria nada o que escrever por achar a minha trajetória insignificante, com os mesmos questionamentos de Josso (2004), me vi sim desafiada e no dever de escrever o meu memorial, considerando-o como uma fonte de reflexão

---

<sup>2</sup>Doutora em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil, na área: Ciências Humanas. Mestre em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil. Graduada em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0171463367458285>>. Acesso em: 20 set. 2021

das experiências vividas na formação e uma fonte de compreender o processo de se constituir docente. Desta forma a minha motivação para escrever este memorial e para contribuir com o meio acadêmico e os colegas de curso, é expor a compreensão de que muitas experiências de nossa infância e de nossa vida escolar, no meu caso, mais especificamente as aulas de Educação Física, influenciam na escolha do curso, tendo o objetivo de mostrar que a nossa formação escolar e acadêmica se relacionam na construção do docente, possibilitando olhar para o passado para entender quem somos no presente e para pensar no futuro. Segundo Wittizorecki, et al. (2006, p.11):

[...] as narrativas podem ser um dos instrumentos que melhor viabilizem a coleta de informações na perspectiva de mostrar ao investigador situações e explicações de que, parafraseando a obra de Hargreaves (1996), 'cambiando os tempos, cambiam os professores' e suas ações.

## 1.1 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Escrever sobre si não é tão fácil como muitos acreditam e como eu mesma acreditei. Não é só escrever sobre as memórias do passado ou sobre minhas experiências na universidade. É preciso que haja sentido, sistematização dos conhecimentos e das memórias, com coerência. Para Josso (2004, p. 39):

A situação de construção narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida.

Para a análise da relação das minhas memórias de infância e da Educação Física escolar com a minha formação inicial no curso de Licenciatura em Educação Física, realizei uma pesquisa bibliográfica em que aborda, inicialmente, a noção de memorial e as experiências e estudos sobre memórias na Educação Física escolar. Para Fonseca (2002, p. 32) “[...] a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”.

O primeiro passo foi entender o que eu realmente iria escrever e como escrever. Severino (2007, p. 245) forneceu as respostas iniciais para as minhas questões. Segundo o autor:

O memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou.

O movimento de narrar histórica e reflexivamente sobre si mesmo proporciona aprendizados que não temos durante a graduação, por falta de tempo, pela correria do dia a dia, por não pararmos para sentar e refletir sobre as nossas ações. É por meio dessa abordagem, que eu, estudante, reflito sobre o meu próprio processo de formação, entendendo quais espaços, quais experiências, quais momentos, ao longo da minha vida, auxiliaram como formadores e contribuíram com a construção da minha identidade.

A situação de construção da narrativa de formação, independente dos procedimentos adotados, oferece-se como uma experiência formadora em potencial, essencialmente porque o aprendente questiona as suas identidades a partir de vários níveis de atividade e registros (JOSSO, 2004, p. 40)

Tomo então como referência o conceito de Severino (2007) a respeito do memorial, para narrar as minhas próprias experiências desde a minha formação escolar até os acontecimentos ocorridos na minha formação acadêmica. Para essa ação, também é preciso compreender o termo experiência, me guiando pela compreensão de Larrosa (2002, p. 21) que em seu artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, pensa a educação a partir do par experiência/sentido e traz o significado da palavra:

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Segundo Larrosa (2002), entendemos que a experiência não é informação. Ao assistir uma aula ou uma conferência, ler um livro ou uma informação, viajar ou visitar uma escola, passamos a saber coisas que não sabíamos antes e conseqüentemente

absorvemos mais informações, entretanto, ao mesmo tempo nada nos acontece ou nos toca. A experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião, pois os sujeitos estão informados juntamente com suas próprias opiniões, havendo críticas sobre tudo o que se passa, impedindo assim possibilidades de viver experiências.

Considero com a percepção do autor que a experiência não é trabalho, pelo contrário, é cada vez mais rara devido ao excesso do mesmo e da falta de tempo. O sujeito moderno além de ser um sujeito informado, composto de opiniões e em constante movimento, é um ser que trabalha e que vive acontecimentos e coisas novas em uma rápida velocidade, não tendo tempo para parar. Assim, nada o acontece. A experiência é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta e prova, é a mediação entre o conhecimento e a vida humana, além de ser individual, pois, o mesmo acontecimento pode ser para vários sujeitos, mas a experiência é para cada qual a sua, sendo única.

Entre a relação que faço do passado-presente, para identificar se há uma relação das minhas memórias da Educação Física escolar com a escolha do curso me baseei no trabalho encontrado, *Memórias da educação física escolar e escolha do curso de graduação*, que justamente fez um estudo sobre a relação dessas memórias com a escolha do curso de Educação Física dos acadêmicos da Faculdade da Serra Gaúcha, por meio da análise das introduções dos memoriais e a interpretação das informações e por meio da análise dos conteúdos. Foram analisados 70 memoriais de acadêmicos, matriculados na disciplina de Tópicos em Educação e Saúde nos períodos letivos do 1º e 2º semestres de 2009 e 1º semestre de 2010.

Neste mesmo caminho, Figueiredo (2008) em seu artigo *Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física*, busca refletir sobre as experiências construídas por alunos nas suas trajetórias no decorrer do ensino fundamental, no ensino médio, no momento da escolha pelo curso, indicando que essas experiências influenciaram e influenciam nas relações, interesses, e valorização de determinados conteúdos curriculares no lócus da formação. A autora ainda explica que:

Não se deve cair no reducionismo de considerar que as experiências sociocorporais influenciam de forma direta, exclusiva e mecânica a formação inicial em Educação Física. Entretanto, é impossível deixar de lado as

evidências colocadas até aqui, de que há uma estreita relação entre as experiências anteriores dos alunos e suas escolhas, de maneira que há mudanças substanciais no perfil de formação objetivado pelo currículo prescrito de formação profissional (FIGUEIREDO, 2008 p.107).

Particularmente, a minha escolha pelo curso foi porque a minha primeira opção que era outro curso não deu certo. Entretanto enxerguei a Educação Física como alternativa, devido às minhas experiências nas aulas de Educação Física Escolar, a minha afinidade e a minha relação com o esporte no decorrer da minha vida. Durante a escolha lembrei os meus momentos de prazer e aprendizado e associei que se a Sulamita do passado sempre se interessou por esportes e participou ativamente das aulas de Educação Física, a Sulamita do futuro poderia se dar bem com a graduação de Licenciatura em Educação Física.

Por fim, mas não menos importante, a leitura realizada foi do livro *Experiências de vida e formação*, da autora Josso (2004). Ela agrupa os doze capítulos em três partes principais, sendo a primeira a explicação da importância da formação nas “narrativas de vida”; a segunda é definida pela metodologia de pesquisa e de formação e, a terceira parte, é constituída pelo conjunto de experiências e de propostas que ilustram a utilização das abordagens na concepção de formação. Para Josso (2004, p.41) o que faz a experiência formadora:

[...] é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros.

Feitas essas leituras iniciais dos estudos encontrados, me senti um pouco mais preparada para a escrita da narrativa autobiográfica de experiências vivenciadas na formação inicial do curso de Educação Física, desde a chegada na universidade até o momento do 8º período, a partir de registros e memórias, priorizando acontecimentos marcantes e significativos. Para Souza, Passeggi e Vicentini (2013, p. 15):

[...] as narrativas de si, orais e escritas, contribuem para a transformação de sentidos histórico-culturais, concernentes às representações de si, do outro e da ação do sujeito no mundo, tanto para a pessoa que narra, quanto para aquelas que leem, escutam e analisam essas narrativas.



Para a elaboração deste trabalho tomei como fontes os registros que realizei nas atividades do curso a partir do primeiro período: relatos de experiências das disciplinas de Estágio Supervisionado e de outras disciplinas que me fizeram refletir; atividades e memoriais escritos durante os semestres; relatos e relatórios da Iniciação Científica; fotografias com os registros de alguns acontecimentos que foram importantes na faculdade, na escola e fora dela.

A partir daqui, organizo as sessões em uma revisão bibliográfica com o capítulo “Uma direção o meu norte”, em que busco autores e referências para me guiar na escrita e nas respostas que eu buscava encontrar; um capítulo com as memórias da minha infância, da Educação Física escolar e dos momentos na educação básica; em seguida, conto da minha entrada na universidade e das experiências que me marcaram e foram significativas em minha formação, no capítulo “Nada foi por acaso como eu imaginei”; por fim, relato sobre a identificação com o ser professora por meio das disciplinas de estágio supervisionado e finalizo com as minhas conclusões a respeito da importância da escrita de um memorial.

## 2. UMA DIREÇÃO, O MEU NORTE

Eu já tinha as respostas para o caminho que eu queria percorrer, mas precisava me encontrar, precisava de uma direção. Carecia de pessoas que estivessem nessa mesma direção, mesmo que de longe e em outras circunstâncias, para “pegar na minha mão” e dizer: “estamos com você, pensamos e pesquisamos para você.” Eu precisava de uma direção, de um norte para ser guiada nesse caminho de memórias e experiências e foi exatamente o que encontrei realizando a revisão de literatura.

Para o percurso da escrita deste trabalho, previamente realizei uma investigação do que já foi produzido e publicado sobre a temática abordada, nos seguintes periódicos da Educação Física: *Revista Movimento*; *Revista Pensar a Prática*; *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*; *Revista de Educação Física da UEM*; *Revista Motrivivência*, escolhidas por serem periódicos conhecidos da área da Educação Física e, também, com base na classificação que recebem na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)<sup>3</sup>.

A seleção dos trabalhos se fez por meio da utilização dos descritores: “formação de professores”, “formação inicial”, “formação docente”, “narrativas”, “narrativas de formação”, “memorial” ou “memoriais de formação”, “trajetória”, “autobiografia” e “biografia”. Os procedimentos em relação ao processo dessa seleção e da análise dos trabalhos foram: leitura do título; leitura do resumo; leitura exploratória dos textos quando insuficiente o procedimento anterior; leitura analítica e fichamento dos textos. Os indicadores tratados foram título, autor, ano, quantidade total e por periódicos, tipo de orientação, objetivo, e as temáticas debatidas, organizadas por afinidade.

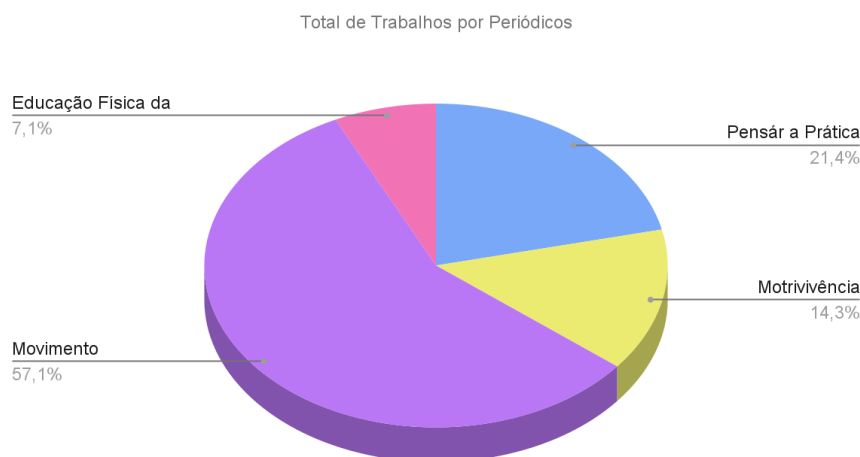
A partir de todo o processo de seleção dos textos por meio dos descritores indicados e o que interessava para a escrita deste trabalho, de imediato, percebemos um cenário com poucos trabalhos/artigos que adotam o memorial e as narrativas autobiográficas como referencial teórico-metodológico, publicados nas revistas. Constatamos o total

---

<sup>3</sup>Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

de 14 trabalhos<sup>4</sup> oriundos da *Revista Movimento*, *Pensar a Prática*, *Revista de Educação Física da UEM* e da *Revista Motrivivência*, apresentados em porcentagem no gráfico 1. Não foi selecionado nenhum trabalho da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (RBCE).

Gráfico 1—Total de trabalhos localizados por periódicos.



O quadro 1 mostra a quantidade de trabalhos separados por descritores. Alguns trabalhos se repetem em descritores diferentes. Por isso a quantidade por descritores, se somados, será maior que a quantidade de trabalhos encontrados no total.

Quadro 1 - Quantidade de trabalhos por descritores.

DESCRITORES	QUANTIDADE DE TRABALHOS
Formação de Professores	6
Formação Inicial	2
Formação Docente	2
Narrativas	1
Narrativas de Formação	3
Memorial	-
Memorial de Formação	-
Trajetória	2

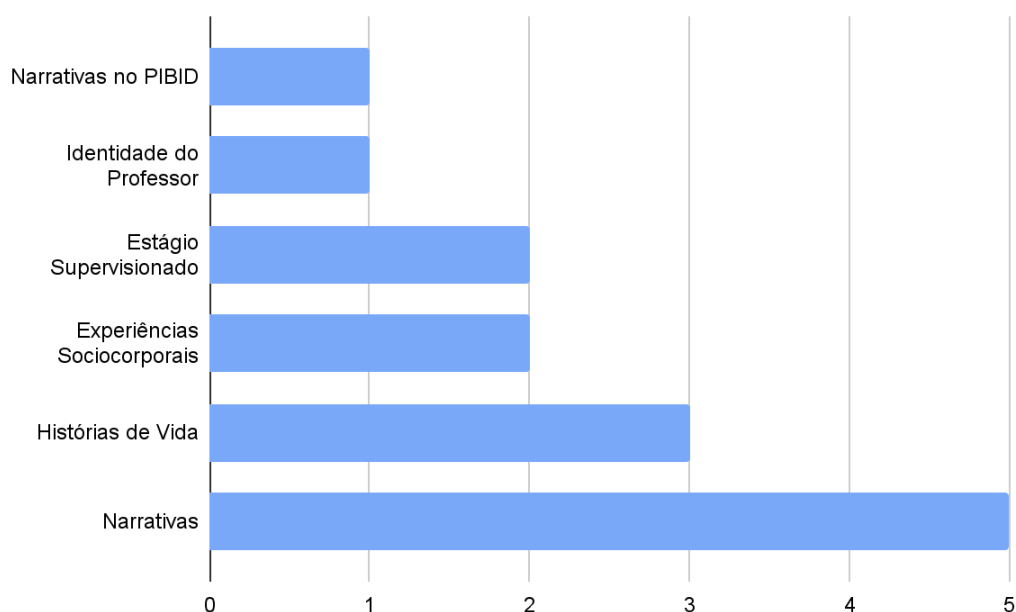
<sup>4</sup> Tabela com os 14 trabalhos encontrados separados por temáticas feita pela autora disponível no APÊNDICE A.

Autobiografia	-
Biografia	1

Fonte: produzido pela autora (2020).

Com base na leitura e análise dos textos foi possível identificar pontos de aproximação entre eles em relação ao desenvolvimento das narrativas, que chamamos, nesta revisão, de temáticas, pois os autores do texto não simplesmente falam do processo de formação em um contexto geral. Alguns focam suas experiências em projetos de extensão, outros nas experiências do Estágio Supervisionado e há aqueles que recorrem à trajetória de vida dos docentes. A partir dessa conclusão, chegamos a seis temáticas, sendo elas: Narrativas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); Identidade do Professor; Experiências no Estágio Supervisionado; Experiências Sociocorporais; Histórias de Vida e Narrativas – esta última se dividiu em subtemas. A seguir, foi construído o Gráfico 2, indicando a quantidade de trabalhos por temática.

Gráfico 2 – Trabalhos por Temáticas.



Fonte: Produzido pela autora (2021).

Em “Narrativas” temos o estudo de Vieira, Santos e Neto (2012) que teve como objetivo dar visibilidade aos espaços formativos identificados por professores de Educação Física do ensino médio da rede estadual do Espírito Santo, usando as

narrativas como referencial teórico-metodológico. O texto aponta que apesar do crescimento da pesquisa narrativa, ela ainda se apresenta de forma tímida na produção acadêmica da Educação Física e que as narrativas são o meio para aproximar os diferentes tempos e espaços formativos. Os autores dos dois textos mencionados resgatam nomes como Nóvoa e Finger (1988), Josso (2004), Fontana (2010), Catani (1997), Souza (2008, 2010) e Figueiredo (2004, 2008), que trabalham com diferentes perspectivas da pesquisa (auto)biográfica, para indicar o modo como experiências escolares da educação básica, influenciam na escolha da profissão docente e como nós nos constituímos professores.

Vieira, Santos e Neto (2012) percebem pelas histórias narradas dos docentes entrevistados que o tornar-se professor acontece ao longo da vida. Um dos autores tomados como referência no trabalho anterior, também tem o seu protagonismo na construção desta revisão. O estudo de Wittizorecki et al. (2006), selecionado, busca aprender e a interrogar-se sobre até que ponto os estudos que utilizam a perspectiva narrativa podem ser processos de formação e processos de investigação.

Os primeiros textos focalizam autores que são referências para enfatizar a potencialidade de um trabalho produzido com narrativas. Wittizorecki et al. (2006, p. 12) menciona em seu texto as reflexões de Nóvoa sobre a pesquisa narrativa, para quem “[...] a sua aproximação com a perspectiva narrativa permitiu-lhe produzir e analisar sua própria história de vida, sua própria maneira de pensar e agir, tanto no campo da formação docente quanto da investigação”.

Partindo agora para o que chamamos de subtemas das narrativas, temos estudos que se caracterizam por narrativas de formação. O artigo de Pereira e Figueiredo (2018) trata de compreender as repercussões das experiências formadoras na trajetória curricular dos futuros professores de Educação Física. As narrativas de formação podem contribuir para a compreensão das experiências formativas fazendo entender que a construção da identidade profissional é um processo que se constitui sim nas experiências pessoais e sociais do indivíduo.

No estudo, as autoras também observam que no início da graduação alguns dos alunos entrevistados se decepcionaram com o curso. Dentre os motivos está que o

aluno chega ao curso com o pensamento focado no esporte, em disciplinas biológicas e muitas práticas, mas se depara com disciplinas de formação pedagógica e teóricas. Pois os alunos já trazem uma concepção biológica, com estudos relacionados à promoção da saúde e ao sistema de treinamento de atletas e de instrutores e técnicos. Uma realidade que também aconteceu comigo ao entrar na universidade.

É nesse sentido que a rejeição prévia manifestada às disciplinas de formação pedagógica, desconsidera que elas estão impregnadas de saberes que colaboram com a prática profissional, tanto nas experiências formativas que os sujeitos em formação vivenciam durante o processo de tornar-se professor, quanto, e principalmente, àquelas que se relacionarão com o futuro exercício da profissão (PEREIRA, FIGUEIREDO, 2018, p. 62-75).

Não se trata apenas de tornar-se professor, mas de compreender a perspectiva ética através da formação. Para as duas autoras, as narrativas de formação dos sujeitos desta pesquisa, informam o que se aprendeu com a experiência e nos possibilita compreender que, o movimento de tornar-se professor é de significação pelo próprio sujeito que vivencia, seleciona e pode fazer uso em outro momento desse “aprendido”.

No ano posterior, foi publicado o artigo de Figueiredo, Plotegher e Alves (2019) que em um mesmo caminho das narrativas de formação, pesquisa como se constituem as experiências formadoras dos estudantes de Educação Física em um processo de formação humana e profissional, bem como analisa como essas experiências interferem na relação do sujeito com a sua futura profissão. Neste caso, a pesquisa foi desenvolvida com 12 estudantes finalistas. As autoras entendem que as experiências formadoras influenciam a construção da identidade docente e o envolvimento dos alunos em espaços formativos, que vão construindo ou reconstruindo o tornar-se professor. Josso (2004, p. 47-48) desenvolve o conceito de experiências formadoras, para ela:

Essas “experiências” são “significativas” em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, a saber: o que é a minha formação? Como me formei? Neste sentido, não se esgotam o conjunto das “experiências” que evocamos a propósito da nossa vida. Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem, em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades.

Aliás, um dos tópicos abordados no estudo é a pesquisa no processo de formação. Em minha passagem pela graduação tive a oportunidade de participar, durante um ano, da iniciação científica, o que contribuiu muito na minha formação e me fez crescer bastante dentro de sala de aula. Figueiredo, Plotegher e Alves se perguntam qual seria a função da pesquisa no processo formativo do aluno e respondem com base na literatura de Pesce e André, (2012, p. 41) que afirma:

[...] Saber diagnosticar, levantar hipóteses, buscar fundamentação teórica e analisar dados são algumas das atividades que podem ajudar o trabalho do professor quando se consideram as exigências da realidade atual e a complexidade da atividade da docência.

A pesquisa e a inserção na iniciação científica, de fato contribui no desempenho do aluno em sala de aula, na construção dos seus trabalhos e suas atividades e até na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, com o artigo de Pesce e André (2012), é possível concluir que os espaços e as experiências das nossas histórias de vida devem ser considerados para entender as múltiplas identidades encontradas no decorrer de suas trajetórias profissionais.

O texto de Santos, Maximiano e Frossard (2016) pode ser o que mais diverge em relação aos demais artigos revisados. O estudo produz uma releitura das experiências avaliativas de alunos do curso de Educação Física tentando evidenciar a transformação de si na condição docente referente às avaliações da aprendizagem. As narrativas desses alunos foram feitas no ano de 2011 quando eles eram discentes e em 2014 quando já estavam na condição de professores. Assim como Souza (2006) os três autores compreendem que as experiências construídas na Educação Básica e no Ensino Superior podem apresentar contribuições para o campo educacional, especificamente aos estudos sobre pesquisas e práticas avaliativas.

Ao chegarem na universidade os alunos trazem consigo suas concepções de avaliação com base nas experiências da escola, seja nas aulas de Educação Física ou em outra disciplina. Questionam a respeito de provas, de avaliações teóricas e se perguntam qual a forma correta de avaliar na EDF. Com as narrativas dos entrevistados, ficam nítidas as mudanças de compreensão de avaliação quando era aluno em formação e no momento que está atuando como professor. Por exemplo,

para a entrevistada Bia, que na época de aluna cobrou um padrão muito fechado de avaliação, na atualidade, como professora, reconhece a necessidade de ter diferentes formas de se avaliar. Bia afirma em sua entrevista que depois de formada ela tem uma visão diferente de quando era aluna, pois agora entende que o caráter das disciplinas era tão diferente que as avaliações deveriam ser diferentes mesmo.

Nesse contexto, a narrativa do passado não muda. Não se pode mudar o que já foi vivido e experimentado, mas a compreensão das experiências do passado, no presente, é que se modificam, como evidenciado no estudo. A capacidade de refletir e compreender sobre as experiências vividas, ajuda a entender e a organizar as ações no presente. A permanência desse texto na revisão é justamente para trazer ao meu memorial a importância das narrativas de experiências passadas como eixo do processo formador de professores, pois escrever a meu respeito envolve reflexão, me ajudando a entender e organizar as minhas concepções em relação às realidades sociais.

Na relação com a temática “Histórias de Vida”, encontrei três trabalhos que buscam compreender como são produzidos os saberes docentes de professores de Educação Física, destacando as suas histórias de vida e as possíveis implicações destas. Oliveira, Mourão, Terra e Maroun (2016) reconhecem que as trajetórias percorridas pelos professores e pelos alunos de Educação Física, incluindo o período da infância, da adolescência e da educação básica, influenciam na escolha do curso, nas ações durante o exercício da profissão e até nas escolhas das estratégias didáticas nos estágios. É interessante ressaltar que no trabalho dos autores Quaranta e Pires (2013) o objeto de estudo são alunos com experiências nos estágios, mas nos estudos de Oliveira, Mourão, Terra e Maroun (2016) e no artigo de Santos, Almeida e Bracht (2009), são professores já formados que, compondo a pesquisa, mostram que ainda após a formação há influências do que vivemos na infância e que nem tudo é totalmente modificado durante a passagem pela universidade.

Essa temática possui uma relevância muito grande para a construção do meu memorial porque revela que algumas das minhas ideias e os meus questionamentos já foram estudados e contemplados por autores em suas pesquisas e teorias, reafirmando que estou seguindo o caminho certo para refletir e entender a minha



formação. Segundo Bueno (2002), o estudo com base nas histórias de vida possibilita compreender aspectos da formação das identidades profissionais e indicam influências, por exemplo, na escolha do curso que fazem.

Percebemos em dois textos a existência de narrativas com o eixo central em Experiências Sociocorporais, por isso a criação da temática. Aqui a noção de experiência está situada dentre as teorias contemporâneas das Ciências Sociais. “O conceito de experiência a que nos referimos emerge do "estilhaçamento" da sociologia clássica ou a partir das especializações e, ao mesmo tempo, da diversidade de paradigmas em torno das noções de sociedade, de indivíduo e de suas ações (FIGUEIREDO, 2004, p. 93).”

Figueiredo (2004) busca analisar como essas experiências de alunos do curso de Educação Física agem no processo de formação: orientando escolhas, definindo relações e a valorização ou não de determinados conteúdos curriculares, influenciando a trajetória dos estudantes. No artigo também se explica que as vinculações entre a Educação Física e a saúde e a Educação Física e o esporte, têm sido a principal referência de alunos que ingressam no curso e, ao mesmo tempo, é um dos motivos que dificulta a compreensão do currículo possuir uma dimensão educacional mais ampla.

A autora acredita que as múltiplas experiências sociais do aluno, construídas durante a trajetória dentro e fora da escola, influenciam e determinam as hierarquizações, as escolhas e as relações com os saberes, modelando o perfil da formação inicial e usa como base para isso a literatura de Maurice Tardif, *"Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério"*, que expõe que as experiências sociais e culturais do aluno funcionam como um filtro que seleciona aceitar ou rejeitar os conhecimentos dos cursos de formação. Esses filtros, cognitivos, sociais e afetivos, processadores de informações, perduram ao longo dos tempos já que têm sua origem na história escolar e na história de vida dos alunos. Para o autor, essas experiências sociais, também são responsáveis pelo fato de que alguns alunos em formação inicial passam pelos cursos sem mudar suas visões e concepções anteriores.

Outro artigo encontrado, da mesma autora, publicado em 2008, menciona os feitos que levam o aluno à escolha da Educação Física como profissão, o que fez sentido e influenciou na hora escolher a graduação. Há situações em que a escolha representa uma primeira opção e outras em que representa uma segunda opção, depois do aluno ser reprovado em vestibulares para outros cursos, que foi o meu caso. Nessas situações, as experiências sociocorporais construídas anteriormente podem ter influenciado na escolha.

Mais uma vez, encontro embasamento teórico para o meu trabalho, já que na graduação cheguei a me questionar o porquê sou o que sou: competitiva, querendo disciplinas práticas, querendo aprender regras de modalidades e aprender a ensinar os esportes; porque tenho afinidade com certos assuntos, por exemplo, esportes coletivos e outros e, porque, em um primeiro momento, rejeitei as disciplinas de Psicologia da Educação, Oficina de Docência em Temáticas Transversais. Em algumas discussões em sala de aula com colegas e professores, muitas vezes me sentia mal por perceber que eu estava ligada mais a área dos esportes e lendo os textos, estudando os autores dos trabalhos selecionados. É mais nítido que há uma relação com as minhas experiências socioculturais do passado.

Apenas um texto selecionado tratava de narrativas das experiências construídas no campo do PIBID. Apesar de ser um tema que não faz parte das minhas narrativas, visto que durante a minha passagem pelo curso de Educação Física eu não fiz parte do PIBID, o estudo de Ribeiro, Berto e Rodrigues (2016) agrega em minhas discussões e ponderações.

Os autores destacam reflexões de narrativas de formação, produzidas e desenvolvidas através das experiências no PIBID em 2012 e 2014. Como forma de registro, utiliza-se o diário de campo, em que estavam descritas as discussões, as trocas de experiências ocorridas em reuniões, oficinas, palestras e na escola. O texto também ressalta que mesmo os processos formativos estando em diferentes etapas e sendo individuais, são também compartilhados e através dessa coletividade é possível repensar os próprios processos individuais. Trazendo para o meu estudo

peçoal, muitas experiências compartilhadas em sala, de cada aluno da turma, que de certa forma fizeram repensar o meu processo formativo, as minhas concepções de ser professora, as minhas ações dentro da escola.

Os trabalhos indicados dentro da temática Estágio Supervisionado vão por um caminho diferente dos demais, que caminham pelas narrativas. Os textos buscam analisar o papel do estágio curricular supervisionado na formação inicial de professores e a trajetória dos estudantes estagiários durante as ações formativas, através de uma abordagem qualitativa, com questionários de perguntas fechadas e abertas. A permanência destes textos como base para o meu trabalho é em função de reafirmar que o estágio supervisionado é um momento de repensar práticas e saberes vivenciados lá atrás na educação básica pelos próprios estagiários. Durante a minha escrita retrato alguns momentos no Estágio Supervisionado que me fazem resgatar as vivências na Educação Física escolar e que de certo modo preciso repensar para fazer diferente como professora, como por exemplo quando tive que lidar com uma aluna individualista porque acreditava saber jogar mais que as outras colegas, lembrando que em minha infância também tive alguns comportamentos individualistas em quadra. Segundo Bisconsini e Oliveira (2016 p. 2):

Para ampliar a compreensão, destaca-se o Parecer CNE/ CP 009/2001, em que o conceito de simetria invertida expõe a prática do professor, ao apontar a trajetória escolar como constitutiva do papel docente que será exercido na futura atuação profissional.

Em um dos textos, através das entrevistas, conclui que as experiências do Estágio Supervisionado contribuem para a identificação com a profissão. Para Pereira, Milan, Borowski, Almeida e Farias (2019, p. 5):

A identificação com a profissão, segundo subeixo na trajetória de experiências anteriores aos ECSs, passa a ser um elemento fundante para as ações que o estagiário precisará desenvolver, embora não aconteça de maneira imediata. Nesta concepção, os ECSs aparecem como elemento facilitador na aproximação entre o sujeito e sua profissão.

Por fim, chegamos ao estudo de Cardoso, Batista e Graça (2016) de natureza qualitativa que analisa as reflexões a partir de práticas de seis estagiários de

Educação Física para compreender a influência das experiências prévias desses alunos na opção pela profissão. Para os autores (2016 p. 524) pode se dizer que:

A identificação com a profissão tem início na infância e se prolonga por mais de doze anos passados em espaços escolares, numa vivência rodeada de imagens de professores, fonte de crenças pessoais acerca do que significa ser professor.

Fica cada vez mais evidente a importância das experiências anteriores no momento da escolha da profissão, assim como na construção da identidade do professor e que cada professor constrói a sua identidade profissional de um modo próprio. A trajetória de vida, incluindo o período da infância, de algum modo influencia e contribui na produção dos saberes e nas ações durante a formação acadêmica e na atuação futura da profissão.

Analisando a revisão bibliográfica, entendo que entramos na graduação com nossas percepções e concepções, mas que cabe a nós mesmos decidirmos se vamos continuar com os mesmos pensamentos, as mesmas ideias ou se vamos passar por experiências que de fato nos tocam e são significativas para produzirem mudanças em nós.

As temáticas observadas nos artigos selecionados funcionam como guias que me conduzem em minhas reflexões a seguir, perpassando todas as minhas experiências significativas escritas neste memorial.

### 3 REVISITANDO AS MEMÓRIAS PARA O SABER DE SI

Se quero falar da relação passado-presente é preciso fazer uma viagem no tempo e começar pelas memórias da minha formação escolar. Sempre estudei em uma mesma escola, portanto, a minha educação infantil, o meu ensino fundamental I e II e o meu ensino médio se constituíram em um mesmo ambiente escolar. Tive o privilégio de estudar na escola São Camilo de Lellis, localizada na cidade de Vila Velha, em Alvorada, não tão perto da minha casa, mas quando era preciso dava para ir caminhando tranquilamente. Composta por salas de aula bem estruturadas; parquinho de areia; três quadras sendo uma delas menor, direcionada às crianças mais novas; um pátio enorme; salas de informática, de artes; biblioteca; piscina e um laboratório. Talvez, para você que está lendo, pareça contraditório eu dizer que foi um privilégio passar toda a minha educação básica em uma mesma escola, vendo as mesmas pessoas e fazendo o mesmo caminho de sempre. Que coisa repetitiva e chata, não? Não!

Não digo isso só porque é uma escola particular, com uma excelente estrutura e um ensino de qualidade, mas me sinto privilegiada porque sempre estive rodeada de pessoas incríveis e de momentos únicos. Cada ano era uma experiência diferente e nova por conta das atividades, das progressões pedagógicas e do fato de o colégio estar sempre buscando inovações para os seus alunos. De fato, eu construí uma família. Aliás, muitos alunos que vejo formando naquela escola ou até mesmo os que estão estudando atualmente, também relatam que o São Camilo é uma família.

Nos anos iniciais, as salas eram divididas em jardim, pré-escola e alfabetização (Figura 1), que hoje é o 1º ano. Eu entrei em 2002 com quatro anos, na turma do “Jardim”. Tanto tempo com essa estrutura em minha mente e por nunca ter frequentado uma creche ou uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) ou um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), que fiquei surpresa quando tive o primeiro contato com disciplinas que falavam da educação básica nas redes públicas. Só descobri sobre a diferença de estrutura entre a minha escola particular e as de ensino público, os chamados “grupos” do ensino infantil quando entrei no curso de Licenciatura em Educação Física. Nesse período da minha infância, as memórias que

vem em minha mente são as da Sulamita brincando no parquinho com os colegas e participando de apresentações em datas especiais.

Figura 1 – A autora na educação infantil.



Fonte: Arquivo pessoal. (2002-2004)

Não me recordo das aulas de Educação Física, só algumas cenas da turma em fila indo para a quadra brincar e das gincanas infantis em que tinha brincadeiras como: corrida do saco, com ovo na colher e na boca, empurrando o bambolê e outras. Ganhei a minha primeira medalha em uma dessas gincanas infantis. Já frequentando a alfabetização, lembro das aulas de Educação Física na quadra com várias crianças correndo atrás de uma bola só. Foi nesse ano, com seis anos, que participei da minha primeira competição na escola, de natação. Também foi o meu primeiro desafio porque precisava nadar na parte funda e eu nem sabia nadar direito. Mas enfrentei meu medo, tive a ajuda do professor, inicialmente, e depois nadei sozinha até a chegada.

Não lembro em qual colocação fiquei, nem se havia uma colocação, pois em minha mente eu havia chegado em último em relação aos outros alunos nadadores e parecia mais um torneio de participação mesmo. A única coisa que lembro é da medalha que ganhei e do momento de subir no pódio e tirar fotos (Figura 2). Provavelmente, a experiência que me tocou e marcou foi a de ganhar medalha, não importando os detalhes da competição. Um momento a se refletir: será que o meu interesse era

apenas em ganhar e estar no pódio ao ponto de não vivenciar o momento e não desfrutar do evento no geral?



Fonte: Arquivo pessoal (2004)

Na época do fundamental houve alguns eventos específicos que me marcaram na escola, como o momento do recreio em que a gente brincava de vários piques: pique esconde, pique gelo ou estátua, pique corrente, pique alto, menina pega menino e polícia pega ladrão. Era um dos momentos em que eu mais me divertia e brincava muito. Por ser filha única, em casa eu brincava mais com os meus pais e sozinha, eu era aquela menina que brincava no quintal de futebol, sozinha, fazendo o papel de todos os jogadores. Então, na escola, era o momento que eu tinha de brincar com outros colegas da minha idade.

Outro evento ainda mais marcante em minha vida, e nem é um exagero falar assim, é as olimpíadas que acontecem uma vez por ano. Eu era apaixonada. As olimpíadas eram competições entre turmas da mesma série. Do 2º ano ao 5º ano do ensino fundamental envolvia partidas de futsal, handebol e a natação. Do 6º ano do ensino fundamental ao 2º ano do Ensino Médio, envolvia as modalidades de futsal, handebol, basquete, vôlei, natação e, em alguns anos, de ping-pong. Pode acreditar: eu

participei de todas! Joguei do 2º ano do ensino fundamental em que conquistei o primeiro lugar com a sala e a primeira medalha das Olimpíadas do São Camilo (Figura 3), até o 2º ano do ensino médio (2005 a 2014) conquistando a última medalha. Inclusive tenho todas guardadas, exceto a de 2013 (Figura 4). Cada sala era uma equipe e escolhia uma cor de camisa para jogar. A estampa da camisa era a mesma, porém com cores diferentes. Os números eram sortidos: a gente encomendava sem direito de escolha e só na hora de receber as camisas que a gente ficava sabendo. No ensino médio a proposta era diferente: os próprios alunos mandavam fazer a camisa com o nome da turma e cada aluno escolhia o seu número.

Figura 3 – Autora e a mãe na primeira participação nas Olimpíadas.



Fonte: Arquivo pessoal (2005).



Figura 4 – Medalhas da Autora (2004 - 2014)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Para dar início, acontecia a abertura das olimpíadas. Particularmente era um momento mágico e único para mim. Sinceramente, não sei explicar porque me marcava tanto esse primeiro momento. Mas agora, com a narrativa, e refletindo a respeito, percebi que era uma forma de viver o faz de conta da experiência de ser atleta e estar participando de um evento esportivo oficial. Talvez essa experiência seja o mais próximo que eu chegaria do meu sonho.

As turmas entravam uma a uma na quadra, desfilando por todo o espaço, com camisas, enfeites coloridos e um professor ou funcionário da escola, que no caso era o padrinho ou a madrinha da turma. Um aluno escolhido pela turma entrava na frente com esse professor segurando a plaquinha com a série da turma e, atrás, os alunos, ao som de alguma música bem agitada, que também era escolhida por nós. Eu simplesmente amava essa hora! Gritava, pulava e dançava com os meus colegas até chegar no local em que ficávamos em fila e parados aguardando a entrada das outras turmas. Depois, alguns alunos hastearam as bandeiras: do Brasil, do Espírito Santo, de Vila Velha e a da escola, cantando o hino nacional. Para muitos parecia uma besteira, mas eu cantava com todo orgulho, admiração e vontade o hino.

Havia, também, o juramento dos alunos que participaram dos jogos. A gente estendia a mão, como nos jogos olímpicos mesmo e repetia as palavras que um aluno falava no palco. Olha, revisitando essas memórias eu me sinto até envergonhada: eu realmente transformava um simples momento em uma experiência magnífica. Para fechar, a hora que eu mais gostava, chegava até me emocionar e me arrepiar: a condução da tocha olímpica. Confesso que tinha o sonho de poder levar a tocha até a pira na quadra, mas os alunos que eram escolhidos precisavam estar no 9º ano e tinham que fazer parte ou ter feito parte de algum time da escola. E, no meu caso, infelizmente nunca participei das escolinhas esportivas do colégio - não para competições. Depois que a tocha era acesa era uma gritaria, uma festa, uma bagunça... Ah, que saudade!

Após as aberturas, nos três primeiros dias aconteciam os jogos do 2º ao 5º ano e, depois, começaram os jogos do fundamental II e do ensino médio, que duravam uma semana. As competições aconteciam em uma das quadras com toda uma organização. Eram convidados professores e técnicos de cada modalidade para apitar o jogo. Alguns alunos ficaram no placar e outros ajudaram os professores da banca organizadora.

É nesse momento que eu começo a externar a minha paixão pelo esporte e, em contrapartida, na minha infância extraescolar também passo a ter um contato maior com o desporto, assistindo jogos na televisão com meu pai, acompanhando equipes e times em competições. É nesse meio tempo que também sonho e desejo ser uma atleta. Recordo-me que em casa brincava de jogos olímpicos, fazia as medalhas de papel, fingia ser atleta de várias modalidades como basquete, futebol e atletismo e fazia o pódio nas escadas da minha casa. O quintal da casa em que sempre morei era grande, dava para brincar de futebol, de basquete com uma cesta improvisada e até de vôlei, com o varal sendo a rede. Eu definitivamente passava a tarde brincando de ser jogadora.

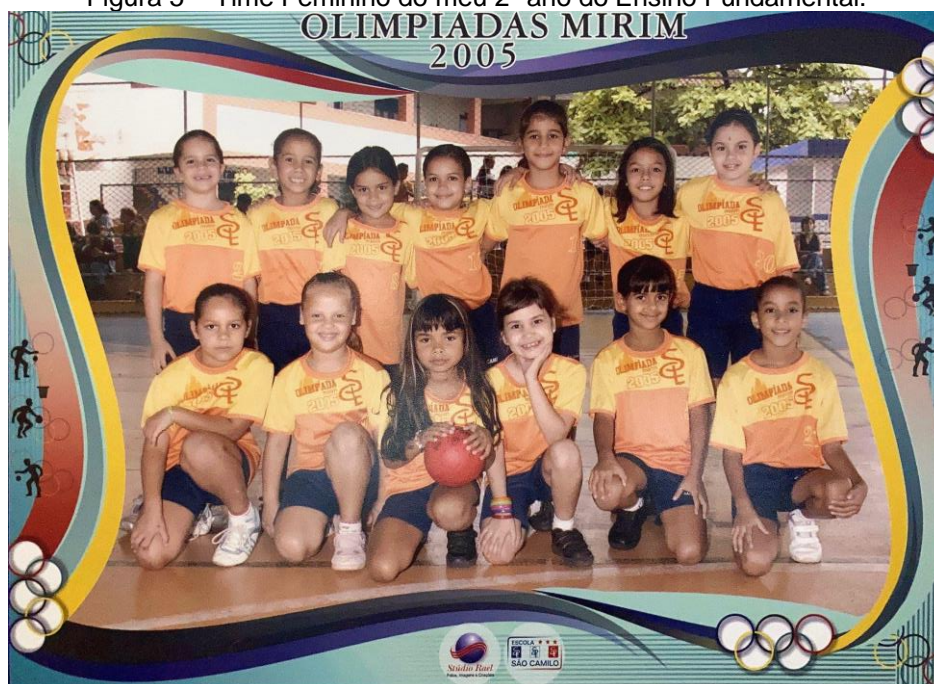
Também amava acompanhar a Copa do Mundo. Gostava de assistir a todos os jogos do Brasil e das outras seleções, também. Nem preciso falar das Olimpíadas, não é? Por mim, era férias e penso seriamente, quando eu for professora, debater sobre isso e trabalhar nas aulas esse momento. Eu ficava o dia todo assistindo qualquer

modalidade que estivesse passando na televisão. As cenas na casa da minha avó, pulando no sofá após o time do Brasil ganhar uma partida de vôlei ou a competição de natação ainda são nítidas em minhas memórias.

Acredito que um dos responsáveis por isso seja o meu pai. Ele é fanático por futebol. Sempre foi. E gosta de acompanhar modalidades esportivas quando se trata do Brasil. Era ele quem me ajudava a acompanhar na televisão as transmissões de jogos explicando regras de cada categoria, técnicas, táticas e posições. Ele quem sentava comigo no sofá para apreciar as competições. Aliás, meu pai foi jogador de futebol amador, quase profissional, e para falar a verdade, a minha família paterna sempre foi envolvida com futebol: meu avô foi goleiro e juiz e entre meus tios, um foi goleiro, outro técnico de futebol e o outro jogador. Já a minha mãe nunca fez questão de jogos competitivos, só na copa do mundo que ela torce para o time do Brasil. Entretanto era ela quem me levava para participar dos jogos na escola. Quando os jogos eram na parte da tarde, minha mãe quem me levava de ônibus mesmo e assistia aos jogos até o final para depois voltarmos juntas para casa.

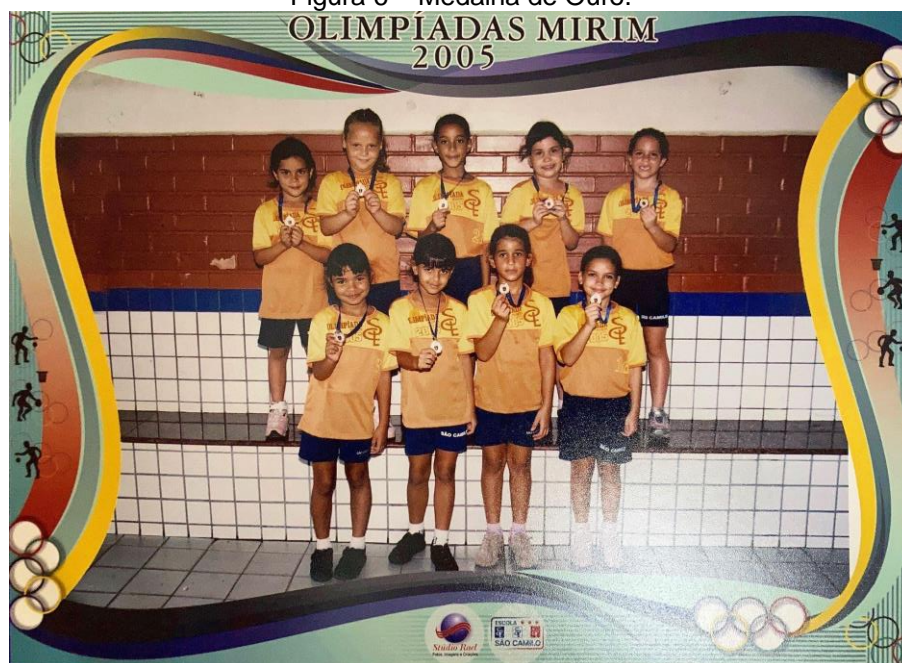
De volta ao colégio e aos jogos das olimpíadas, na maioria das vezes a minha turma ganhava “ouro”. Na minha sala tinha os alunos que se destacavam nos esportes, tanto meninos quanto meninas. Nunca vou me esquecer de uma querida amiga que conseguia jogar com êxito todas as modalidades. Ela era a verdadeira camisa 10. Fazia gols e mais gols, driblava todo mundo e contribuía bastante para o time jogar. Agora, falando de mim, que não perdia uma olimpíada na escola, posso afirmar que eu era bastante competitiva. Muito competitiva! Era muito difícil perder, mas quando perdia, ficava nervosa, chorava e às vezes tentava achar um culpado e, não raras vezes, me culpava pelo fracasso do time em uma partida. As figuras 5 e 6 a seguir são do time feminino da minha sala no 2º ano do Ensino Fundamental, antes da partida de futsal e com a medalha de ouro após os jogos.

Figura 5 – Time Feminino do meu 2º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: arquivo pessoal (2005).

Figura 6 – Medalha de Ouro.



Fonte: Arquivo Pessoal (2005)

Uma das experiências mais significativas para mim também foi na época dos jogos. Eu estava no 9º ano, último ano do ensino fundamental, e jogaria as partidas de futsal com a minha equipe. Minha turma estava jogando contra a turma da tarde e eu, naquele dia, joguei facilmente: fiz quatro gols em apenas um jogo, fui a artilheira da

partida e em um determinado momento, os meninos que estavam na arquibancada torcendo por nós, gritavam um apelido, que haviam colocado em mim carinhosamente. Eles cantavam “Uh El Loco, Uh El Loco” em menção ao nome de um jogador famoso que jogava no time para o qual eu torcia. Naquele momento, eu tive a melhor sensação relacionada aos esportes. Meu pai também estava na arquibancada me vendo jogar, o que me deixava ainda mais contente. Foi ali que eu tive a certeza de que queria ser jogadora, que era para eu ser uma atleta, mas também me dei conta que a experiência ficaria por ali mesmo, porque eu já tinha 14 anos e muitas jogadoras profissionais começam cedo. A figura 7 é da minha turma do 9º ano A após uma vitória.

Figura 7 – 9º ano A.



Fonte: Arquivo pessoal (2012)

Infelizmente nunca tive a oportunidade de fazer parte de alguma escolinha de um determinado esporte. Em um momento do meu ensino fundamental até comecei a praticar basquete. Fazia aulas na escola mesmo, após o horário das aulas, mas foi apenas um ano. Não consegui continuar. Também cheguei a fazer aulas de natação fora da escola, perto de casa, mas nada com o intuito de competir, apenas para aprender a nadar.

No ensino médio, minhas recordações das olimpíadas não são tão marcantes em relação a ganhar ou perder. No 1º ano não tenho nem a medalha e não consigo

lembrar o que aconteceu para eu não ter a medalha guardada, mas lembro dos momentos iniciais, na abertura (Figura 8) e no 2º ano participei por participar, mas tinha poucas meninas e ficamos com a medalha de bronze. Mas nesses dois anos, as experiências que mais me recordo são relacionadas com amizade e união. No primeiro, aconteceu alguma briguinha de turma. Quando vi já estava falando em proteger uma das meninas da turma que jogava muito bem handebol e eu nem tinha muito contato com ela. Sentávamo-nos em lados opostos da sala e quase nunca conversamos, mas a partir de toda essa situação, a gente se aproximou e até hoje somos amigas. Coisas que só uma olimpíada ou jogos escolares pode fazer!

Figura 8 – Turma 1º Ar nas Olimpíadas em 2013



Fonte: Arquivo pessoal (2013)

Falar apenas das olimpíadas e das experiências fora da escola não seria o suficiente para compor a minha história de vida. É preciso falar das minhas aulas de educação física que também estão ligadas às memórias que descrevi acima: elas aconteciam duas vezes por semana, na quadra principal da escola. Eu sempre fui uma menina ligada aos esportes e tive a ajuda do meu pai, mas o primeiro contato jogando as modalidades descritas foi nas aulas de educação física do ensino fundamental II. O professor não dava apenas a bola para gente jogar ou determinava qual esporte seria e mandava a gente jogar. Antes, ele ensinava as posições no futsal, as regras, ensinava passes e táticas. No vôlei, a mesma coisa: me recordo dele ensinando as

regras e posições e o giro necessário para todos os jogadores sacarem. Quando a gente se confundia e girava errado, ele parava o jogo, chamava nossa atenção e explicava tudo novamente. Assim ele fazia, com todos os esportes com os quais trabalhava.

O professor, também não ficava apenas no chamado “quarteto fantástico” (futebol, basquete, handebol e vôlei). Ele passava por circuitos, exercícios funcionais, brincadeiras e jogos inventados por ele mesmo e, ao final do semestre, sempre dava uma aula livre, deixando todas as bolas na quadra para a gente jogar e brincar do que quisesse. Posso dizer que tive as melhores aulas de Educação Física. Mesmo que os esportes predominassem, isso é fato, as aulas não eram maçantes, todos os alunos participavam. O professor conseguia fazer participar até aqueles alunos que odiassem a prática de esportes.

Ele foi um exemplo de professor, de profissional, que não trabalha simplesmente com esporte. Era perceptível o amor que ele tinha por ensinar, pela formação e profissão; a dedicação, a paciência e o cuidado com todos os seus alunos. Ele respeitava a individualidade e o tempo de cada aluno. Muitas vezes parava as aulas para corrigir uma atitude equivocada de algum aluno durante o jogo. Ajudou a moldar o caráter de muitos ali dentro, inclusive o meu, ensinando o respeito que deveríamos ter com o outro, independente de opiniões, de reconhecer quando estava errado e pedir desculpas, de não ser orgulhoso, de ter empatia com o próximo e sempre fazer o melhor. Aliás, recordo-me de uma aula em que ele levou minha turma para o auditório, entregou uma folha com a letra de uma música, colocou ela para tocar e foi recitando e refletindo cada estrofe. A música é *Pais e Filhos* da banda Legião Urbana. Foi com ele que aprendi o tão famoso refrão:

É preciso amar as pessoas  
Como se não houvesse amanhã  
Por que se você parar pra pensar  
Na verdade, não há  
(Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos, Renato Russo.)

Grande parte dos alunos só têm recordações boas e elogios para falar dele. Pude presenciar isso nesse ano de 2021 quando ele faleceu em decorrência da COVID-19 e muitos alunos já formados e até atuantes da área da Educação Física prepararam

uma homenagem para ele. Talvez, para você leitor, seja triste eu estar escrevendo sobre isso, ainda mais em um Trabalho de Conclusão de Curso, que tem um peso enorme, mas é justamente por isso que é necessário, pois foi o professor Joaquim quem me apresentou a essa área tão maravilhosa que é a Licenciatura em Educação Física, mesmo que lá atrás eu não tivesse a certeza de que era essa profissão que eu seguiria. Esse professor, juntamente com suas aulas, que tive o privilégio de ter em minha educação básica, influenciou minha escolha pelo curso de Educação Física e ajudou a construir uma parte da professora que estou me tornando.



#### **4 NADA FOI POR ACASO, COMO EU IMAGINEI**

Começo este tópico com toda a sinceridade do meu coração, ao dizer que a Educação Física Licenciatura não era o que eu planejava cursar. Apesar do meu amor pelo futebol, por participar de todas as aulas de Educação Física do meu ensino fundamental, de me sentir feliz jogando ou assistindo modalidades na frente da televisão e de até desejar ser uma atleta profissional ou uma técnica e de um dia ter desejado ser professora quando criança, a profissão que eu realmente queria seguir era de jornalista. Quando se é criança, não se tem noção de como algumas profissões são desvalorizadas, mas quando crescemos, nos damos conta dessa triste realidade. Decidi que, por mais que eu admirasse professoras e professores e as suas atuações, uma coisa que eu não queria ser era professora. Foi a partir do meu 8º ano que tive a certeza de que era a faculdade de Jornalismo que eu iria fazer. Mas, por que cheguei até aqui?

Assim que terminei o ensino médio, não consegui passar na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para o curso de Jornalismo, nem o realizar em uma faculdade particular. Consequentemente, precisei me preparar mais um ano. Em 2017, com a adesão do Sistema de Seleção Unificada (SISU) no processo seletivo do vestibular da UFES, eu teria a chance de escolher duas opções de curso em um período, analisando as notas de corte e se minha pontuação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) era o suficiente para passar. Mais uma vez, não tive êxito no curso de Jornalismo, e é a partir daí que minha história com a graduação em Educação Física começa.

Por mais que não fosse a minha primeira opção de curso, ao me ver sem essa possibilidade de fazer Jornalismo, pensei em me inscrever no curso de Educação Física Licenciatura, na UFES e foram as memórias que me guiaram nesta escolha que eu jamais imaginaria fazer. As lembranças da minha Educação Física Escolar e dos meus professores, além das minhas experiências com o esporte dentro e fora da escola, foram fundamentais nesse novo passo que eu estava dando em minha vida em relação a escolha profissional. Com base na literatura de Carreiro da Costa, Carvalho, Diniz e Pestana (1996) a autora Figueiredo (2004) em seu artigo defende

que a experiência social construída durante a trajetória dentro e fora da escola, interfere, influencia ou de alguma maneira modela o perfil de formação inicial.

Queremos dizer que o aluno, com base nas experiências sociais (assumidas, nesse estudo, como as vivências proporcionadas pelas interações que ocorrem nas relações sociais que incluem atividades e experiências corporais e valores a ela atribuídos) realiza ações, interações, hierarquizações, escolhas e, sobretudo, filtra o conhecimento acadêmico que lhe interessa no locus da dinâmica curricular (FIGUEIREDO, 2004, p. 91).

Me recordei da afinidade que eu tinha com as aulas de Educação Física. Participava de todos os esportes, jogava futsal, futebol, handebol, voleibol, basquete entre outros. É claro que o meu professor de Educação Física do ensino fundamental, aquele já citado em minhas narrativas, também influenciou, pois ele teve um impacto muito grande na minha vida, me ensinando cada modalidade e as suas regras durante as aulas, além de ajudar a moldar o meu caráter através de reflexões, de conselhos e com o seu próprio exemplo de vida. Foi ele quem me mostrou a força que o esporte tem na sociedade e na vida das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

A pesquisa de Vieira, Santos e Neto (2012) sinaliza que os primeiros contatos com professores de Educação Física na educação básica são decisivos para a construção de suas primeiras concepções de ação pedagógica e essa referência constituiu-se para alguns pela via da admiração pela pessoa-professor e também pelos conteúdos vivenciados nas aulas de Educação Física. Diferente de mim, muitos colegas em sala contavam suas experiências de forma negativa e frustrante em relação aos seus professores de Educação Física, afirmando que gostariam de ser diferentes em suas atuações.

Veio a certeza de que eu poderia, sim, ser professora, independente de salário. Que eu poderia tentar fazer a diferença na vida de outras crianças, adolescentes e jovens com o esporte, assim como o meu querido professor de educação física fez. Antes de entrar na graduação eu escutava os desabafos dos professores na educação básica e no pré-vestibular a respeito da desvalorização social da docência e consequente da retração salarial. A imagem dos professores é construída pela sociedade em diversos aspectos, levando em consideração as experiências e vivências individuais de cada professor. Para Gatti (2014 p. 34),

Essas percepções não divergem entre os alunos da escola pública e os da particular. Os alunos associam, quase simultaneamente, aspectos positivos e negativos à profissão docente. Em geral, “ser professor é sofrer, né?” (Antônio, escola pública, Taubaté), é trabalhar muito, ser mal remunerado e ter nenhum ou quase nenhum reconhecimento social. Os jovens percebem o professor como um profissional desvalorizado, e vários deles destacam que essa desvalorização é excessiva no caso brasileiro, pelo “baixo salário” e pela “carga horária excessiva”. Eram essas percepções que não me deixavam enxergar a licenciatura como uma futura área profissional.

Me inscrevi no curso de Educação Física Licenciatura e para garantir que eu entrasse na Universidade Federal também fiz a inscrição no curso de Letras. Passei nas duas opções e até cheguei a pensar sobre qual fazer, mas a verdade é que eu já tinha a certeza de que era no curso de Educação Física que eu iria escrever a minha história, por ter resgatado as minhas memórias da educação básica e porque o meu intuito sempre foi trabalhar com o esporte, mas de forma indireta, com o jornalismo.

Assim, é através desse memorial: da pesquisa, das leituras por meio da revisão bibliográfica e da ação de refletir sobre e durante as narrativas aqui escritas que compreendo que a minha escolha em cursar a Licenciatura em Educação Física não foi por um acaso. De certa forma eu já havia me identificado com a profissão, mesmo que parcialmente. Para Cardoso, Batista e Graça (2016) como já citado neste trabalho, a identificação com a profissão tem início na infância e vai se prolongando por mais de doze anos passados, isso em espaços escolares.

Posso dizer que se eu não contar para aqueles que não me conhecem que foi por um “acaso” que cheguei até aqui, eles realmente acreditam que sempre foi a minha escolha, porque hoje eu amo a licenciatura.

Ao ingressar na Ufes, na Licenciatura em Educação Física, no primeiro período já tive uma “decepção” com o currículo do curso. Entrei com ideias e pensamentos ligados ao bacharelado, já que eu ainda não sabia a diferença entre os dois cursos. Acreditava que o curso me formaria uma técnica de futebol e me daria oportunidade de ser treinadora de alguma modalidade esportiva. Jamais imaginaria disciplinas como Didática, Pensamento Pedagógico, Psicologia da Educação ou Educação Física, Educação e Reflexão Filosófica, entre outras. Confesso que ao ter esse choque,

desanimei de continuar cursando. Eu já havia pensado na possibilidade de ser professora, mas pela profissão ser julgada, desvalorizada e difícil, queria ir além, queria alguma profissão ligada aos esportes.

Isso não aconteceu só comigo, muitos alunos que entraram junto comigo também compartilhavam desse mesmo sentimento e até afirmavam que mais para frente eles iriam trocar para o bacharelado e as pesquisas de Pereira e Figueiredo (2018) também nos mostram que os alunos entrevistados tiveram surpresas negativas. No meu caso eu já tinha uma concepção prévia em relação à Educação Física por causa das experiências especificamente esportivas na educação básica.

É nesse sentido que a rejeição prévia manifestada às disciplinas de formação pedagógica, desconsidera que elas estão impregnadas de saberes que colaboram com a prática profissional, tanto nas experiências formativas que os sujeitos em formação vivenciam durante o processo de tornar-se professor, quanto, e principalmente, àquelas que se relacionam com o futuro exercício da profissão. Por esse motivo, a autoformação é, também, um movimento de esforço para compreender: o que é ser professor nos dias de hoje? Quais as complexidades das realidades sociais que estão envolvidos, e qual é a possibilidade de transformação que o professor de Educação Física em sua atuação profissional pode e deve oferecer? Como, no processo formativo, (re)construímos competências docentes capazes de atender aos novos desafios dessa profissão? (PEREIRA E FIGUEIREDO, 2018, p. 68)

Mesmo com o sentimento de decepção, eu continuaria cursando Educação Física - Licenciatura, mas passei o primeiro período todo pensando em futuramente trocar de curso. Na verdade, esse primeiro ano de faculdade foi bem difícil para mim. Nesse mesmo período eu também passei em um curso técnico no Centro Estadual de Educação Técnica (CEET) Vasco Coutinho, de Multimídia, e resolvi fazer porque teria contato com áreas do jornalismo, como: roteiro, fotografia e plataformas de edição. As aulas eram no período da tarde, das 13h às 17h20min e por isso eu precisei cancelar algumas disciplinas que iriam até o horário das 13h no curso de Educação Física. Precisava sair às 11h para a casa dos meus avós no Centro de Vila Velha, onde também fica o CEET, para almoçar correndo e ir para o técnico. Isso mesmo: eu saía às 5h40min da manhã de casa para a UFES e só chegava às 18h em casa. Com isso, eu sempre me despedia mais cedo da universidade do que meus amigos. Enquanto eles se encontravam depois da aula para almoçar juntos, conversarem, desfrutarem

dos espaços do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) e da própria UFES, eu não tinha essa possibilidade.

Lembro-me de me sentir excluída, não pelos colegas, mas porque eu não tinha tempo para eles, não tinha tempo para viver as experiências ali dentro. Cheguei a pensar muitas vezes que aquele lugar não era para mim, que seria só mais uma obrigação a cumprir para não entristecer a minha família. Certamente eu estava mais conectada ao curso técnico e focada em outra área e, por isso, não conseguia ter bons pensamentos em relação a graduação, o que me atrapalhou muito. Isso era nítido, porque alguns colegas diziam que eu trocaria de curso, que ficaria o primeiro período apenas e depois mudaria para Jornalismo. Minhas notas também não eram boas o suficiente e cheguei até a reprovação, pois eu chegava cansada em casa e não tinha ânimo nenhum para estudar, e olha que eu tentava, mas o máximo que eu conseguia era apenas cumprir com minhas obrigações.

Refletindo sobre esse meu primeiro ano, vou ao encontro novamente ao texto de Larrosa (2002): eu estudava boa parte do meu dia – geralmente eram 2 aulas no período da manhã e 4 aulas no período da tarde – em contato com informações novas o tempo todo, fazendo atividades práticas e teóricas. Mas, será que eu estava tendo experiências que de fato me tocavam? Não estou dizendo que nada me tocou ou nada me aconteceu, porque tive, sim, experiências que vou contar mais à frente. O que estou declarando é que nesse momento tenho uma maturidade a ponto de entender que minhas experiências foram mais raras por falta de tempo, por um excesso de informação que eu acreditava que era o que me levaria a ser alguém ou a conquistar coisas. Como diz Larrosa (2002, p. 22),

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação.

A primeira vivência que me tocou foi em uma aula prática na disciplina de Educação Física, Corpo e Movimento. A professora juntamente com alguns alunos que já

estavam inseridos na prática de esportes radicais, montou uma tirolesa em uma das árvores do CEFD, em frente a cantina. Eu não sei o porquê havia entendido que seria uma aula de Tênis. Quando cheguei para aula descobri que iríamos escalar um lado da árvore até chegar na tirolesa e depois descer com ela, no outro lado.

Eu não queria participar. Eu olhava os meus colegas subindo, alguns com dificuldades e aquilo só me deixava ainda mais receosa. Tinha medo de não conseguir subir, medo de cair mesmo com toda a segurança, medo de não conseguir frear. Já havia passado uma experiência ruim de uma vez descer de tirolesa em um retiro de igreja e não conseguir frear direito, machucando o meu pé. Talvez tenha sido um trauma? Sim. Mas a verdade é que eu tinha um pré-conceito em relação aos esportes de aventura. Quem diria que uma apaixonada por esportes, não aceitava as práticas de aventura como práticas esportivas.

Ainda assim eu decidi tentar. Tive muitas dificuldades em subir até chegar na tirolesa. Eu não tinha forças nos braços, estava começando a ficar exausta, sem falar no medo. Mas eu lembro muito bem da professora e dos meus colegas me incentivando, principalmente do instrutor: ele repetia várias vezes que eu iria conseguir, que estava ali para me ajudar e realmente consegui. Subi, estava tremendo. O instrutor me ajudou na hora de me posicionar na tirolesa, com toda a segurança e finalmente descii. Sinceramente foi um dos melhores momentos da minha passagem pela graduação. Parece simples, não é? Mas era o momento em que eu havia deixado os meus pré-conceitos em relação à prática, o meu medo, o meu trauma, e permitido experienciar.

Naquele momento, pela primeira vez, percebia o papel do professor. O “poder” que a gente tem de fazer com que outras pessoas, os nossos alunos, enfrentem seus medos, repensem seus conceitos e se permitam pensar diferente. Como futura professora ao me deparar com uma situação como essa, eu preciso fazer com que o meu aluno primeiramente confie em mim, percebendo que eu estou preparada para ajudar ele e que se permita experimentar a prática ou vivencia e consiga enfrentar os seus medos. Alguns dos colegas tiraram uma foto minha durante a descida, eu estava sorrindo e nem parecia a Sulamita aterrorizada de antes. Postei a foto (Figura 9) em minhas redes sociais com a legenda abaixo da foto.

Figura 9 – Postagem nas redes sociais



Fonte: arquivo pessoal (2017)

No segundo período, iniciaram-se as oficinas. Optei pela Oficina de Docência em Recreação, o que me proporcionou um contato maior com brincadeiras e jogos, despertando em mim um interesse pelo curso. Nas aulas eu parecia uma criança, me divertia, sorria, me esforçava 100% para realizar as brincadeiras, as atividades e dinâmicas propostas pelos alunos e pela professora. Na disciplina de Conhecimento e Metodologia do Ensino do Jogo, tive a oportunidade de ir à escola realizar uma intervenção e por mais que fosse com crianças entre 5 a 6 anos, dando uma aula mais

lúdica, me vi pela primeira vez como uma professora de Educação Física, me reconhecendo no curso e me encontrando na licenciatura.

No segundo e no terceiro ano as coisas começaram a mudar. Havia terminado e me formado no curso técnico. Estava mais animada com a graduação, com a certeza de que continuaria no curso. Minhas tardes eram livres para eu me dedicar aos estudos e comecei a desfrutar melhor dos espaços do CEFD e a me enturmar mais com os colegas de classe. Mas apesar da identificação com o curso, ainda assim parecia faltar algo, e esse vazio certamente era o esporte: o futebol, o basquetebol, o voleibol e outros, que eu ainda não tinha tido contato.

As disciplinas de Conhecimento e Metodologia do Ensino da Dança, de Conhecimento e Metodologia do Ensino da Ginástica, juntamente com as Oficinas<sup>5</sup> e as ATIFs<sup>6</sup> e Oficina de Docência em Temáticas Transversais tiveram um impacto enorme na minha formação. Por mais que eu gostasse muito da dança – já havia feito parte de ministérios de dança na igreja – não via possibilidade nenhuma de passar este conteúdo em uma aula de Educação Física para os meus alunos, principalmente aquelas mais vinculadas às culturas populares e tradicionais, porque não saberia como os pais iriam reagir, o preconceito em relação aos meninos na dança e outras inseguranças.

Inicialmente, foi um desafio participar das aulas e enxergar como as danças seriam passadas na escola, mas com a dinâmica de pesquisas, de aulas práticas, de aprender a cultura, os passos corretamente, comecei a ver possibilidades de serem trabalhadas com crianças, adolescentes e jovens. Também rejeitei em boa parte do tempo as aulas com temáticas transversais. Acreditava que eram temas que não deveriam fazer parte da Educação Física e que apenas deveria focar no desporto.

---

<sup>5</sup> Unidade curricular que garante o tempo institucional de vivência de práticas corporais que constituem objetos de ensino específicos da área com ênfase na experimentação da docência.

<sup>6</sup> A unidade curricular que formaliza o tempo institucional para o desenvolvimento do conhecimento construído na e pela experiência de aprender a “ser professor”, articulando o conhecimento experiencial com a reflexão sistemática. As ATIF’s contemplam, dentre outras possibilidades, estudo de campo, grupos de trabalho e/ou estudo, atividades/projetos desenvolvidos junto a disciplinas da licenciatura em Educação Física ou de outros cursos da universidade, projetos de extensão.



Sobre isso, retomando o texto de Figueiredo (2004), com as argumentações de Maurice Tardif a autora explica que as experiências sociais e culturais dos alunos vão funcionar como um filtro que seleciona e aceita ou rejeita os conhecimentos dos cursos de formação. Sempre ouvi que temas ligados à sexualidade, gênero e relações étnico-raciais deveriam ser evitados devido às polêmicas que poderiam causar e que eu não poderia entender porque poderia ser influenciada. Palavras de quem não tem noção do que é educação e a sua força e do quanto são necessários esses assuntos para uma sociedade mais justa, fundada no respeito às diferenças. Ainda segundo Figueiredo (2004 p. 91) “para Tardif essas experiências sociais são responsáveis pelo fato de que alguns alunos em formação inicial passam pelos cursos sem mudar suas visões/concepções anteriores.”

Mas porque eu mudei as minhas concepções anteriores? Porque as experiências vividas nas disciplinas, nos debates, nas dinâmicas com os colegas na universidade foram capazes de transformar a minha formação? Para Larrosa (2002 p. 25):

Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo, pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Não foi e não é fácil, às vezes tenho dificuldade de pensar determinada temática na Educação Física, mas decidi abrir a minha mente sem precisar mudar o que eu acredito e os meus preceitos. Hoje entendo e tenho conhecimentos para dar uma aula com os conteúdos de Educação e Inclusão. Aliás, não é simplesmente separar uma aula no semestre para abordar esses conhecimentos separadamente. É reconhecer que as questões de inclusão, de gênero ou étnico-raciais estarão presentes no dia-a-dia das aulas e nos conteúdos da Educação Física, como o preconceito da mulher no Futebol, ou da exclusão de um coleguinha devido a sua cor de pele.

A Ginástica não trouxe um impacto somente em minha formação acadêmica, mas também na minha vida pessoal, na superação de frustrações e de medos que me distanciavam da prática. Eu não enxergava a Ginástica como chance de ser aplicada na escola, acreditava ser uma modalidade esportiva só de clubes ou escolinhas fora do horário de aula, reduzindo-a como conteúdo escolar. Para falar a verdade eu nunca

tive uma afinidade com a prática em questão, devido não ter uma oportunidade de realizá-la. Eu era uma criança que não conseguia esparcar, ficar na ponta dos pés, nem plantar bananeira ou virar uma estrelinha e o meu maior medo era fazer o rolamento. Isso me deixou muito frustrada, eu via o que as minhas amigas conseguiram fazer e eu não, mesmo sendo da mesma idade.

Ao ter o contato na graduação com a disciplina me senti desafiada a superar diversos medos, como o de fazer rolamento, ponte e outros movimentos acrobáticos que não havia feito nem quando criança. Me lembro da primeira aula desafiadora para mim. A professora pediu para que todos fizessem o rolamento, do jeito que cada um sabia, um por um e quando chegou na minha vez eu não fiz, porque eu não tinha sequer um jeito de fazer. Nesse momento eu não estava sozinha, porque uma das minhas amigas mais próximas também não sabia fazer o movimento. A professora então nos separou e decidiu nos ensinar. Juntamente com o monitor da disciplina, a quem serei eternamente grata, montaram os equipamentos de maneira que eu e a minha amiga conseguíssemos dar os primeiros passos. Lembro que eu estava com muito medo, mais uma vez estava tremendo, nunca havia feito o movimento de me posicionar com a cabeça curvada para baixo e passar o meu corpo girando. As pessoas que são mais próximas a mim sempre falam que sou muito medrosa; quantas vezes escutei e escuto isso e eu mesma me considero assim.

Entretanto, em minha passagem pela graduação, todas as vezes que precisei ser corajosa para fazer algo que tinha medo, fui, sem contestar. Nesse dia, por exemplo, a professora me disse que eu só iria fazer o movimento quando me sentisse pronta e eu não demorei muito, confiei no monitor e nos outros professores e me deixei guiar. Quando vi já estava realizando o rolamento. É engraçado, mas a sensação é mágica! Conseguir fazer algo simples, mas que para você era complexo, significa muito. Não foi só nessa aula, no movimento do rolamento. Toda aula era uma descoberta, uma superação e um movimento novo. Fui capaz de fazer a ponte, de me equilibrar no outro colega ou em uma trave e de apresentar um espetáculo ao final desta disciplina, representado na Figura 10:

Figura 10 – Espetáculo de Circo na Oficina de Ginástica.



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Algo que também me marcou nessa disciplina foi o efeito que ela teve em relação a minha turma. No momento das aulas, todos estavam em conjunto, eu percebia meus colegas incentivando uns aos outros, me incentivando, ajudando a fazer os movimentos, a perder os medos e a construir acrobacias e coreografias. Eu lembro que havia muitas diferenças políticas, opiniões divergentes, motivos de muitos debates e discussões. Mas dentro da sala de ginástica todos estavam ali por todos. A gente esquecia que o outro pensava diferente, as implicâncias e a falta de afinidade. Certamente foi o período que mais estávamos próximos, unidos. A foto a seguir é de um dos vários momentos em que nos juntamos para montar uma pose acrobática para a foto, com a ajuda da professora.

Figura 11 – Time Tiradentes!



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Você que está lendo consegue perceber que a passagem pela universidade não te proporciona apenas conhecimentos científicos, teorias, matérias, significados e técnicas? Ela te proporciona conhecimentos para a vida, ela te molda por dentro, te faz superar os seus limites, os seus medos, superar os seus traumas. Só depende de você. As disciplinas que envolviam a ginástica, constituída pelos professores e por meus colegas, me ensinaram a viver, a ser aluna e a ser professora, a conviver com o outro, a me permitir ser ajudada, a confiar no outro, a confiar em mim e principalmente a transmitir o conhecimento.

Tenho certeza que assim como eu, muitos alunos que eu vou encontrar nas escolas ainda não tiveram a oportunidade de virar uma cambalhota, fazer uma estrelinha, ou fazer uma parada de mão e conseqüentemente passam a se sentir frustradas. Talvez o único momento que terão para aprender será nas aulas de Educação Física e comigo, e digo que não é só aprender o movimento, é aprender a viver e a ser.

Foi através desta disciplina do ensino da Ginástica que percebi, mais precisamente, o meu papel como professora: é fazer a diferença na vida dos meus futuros alunos,

assim como a Professora Fernanda Simone Lopes de Paiva<sup>7</sup> fez na minha, não só me ensinando a fazer determinado movimento, fundamento ou técnica, mas me fazendo enxergar que eu posso vencer os meus medos, que eu sou capaz de aprender, de me divertir e de fazer o que eu desejo fazer. A partir desse momento, começo a entender que a Educação Física não é só propagar o esporte, os conhecimentos técnicos e táticos.

Nesse mesmo período, consegui uma bolsa no Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC) da UFES, que é voltado para a iniciação à pesquisa de estudantes de graduação. Ele visa fundamentalmente a incentivar a carreira científica dos estudantes de graduação, que apresentam bom desempenho acadêmico, preparando-os para a pós-graduação. Para tanto, esses estudantes participam ativamente de projetos de pesquisa com reconhecida qualidade acadêmica, mérito científico e orientação adequada, de forma individual e continuada. A minha pesquisa era orientada pela Professora Silvana Ventrone<sup>8</sup>, com o tema *Análise dos estudos de revisão sobre formação continuada de professores nos anos 2000 no Brasil*, em que o objetivo foi produzir um estudo de revisão dos estudos denominados revisão sistemática sobre formação continuada de professores no Brasil nos anos 2000. Realizei a pesquisa durante um ano de bolsa (2018/2 a 2019/1) concluindo e garantindo o certificado, mas não dei continuidade por escolha, pois queria buscar um estágio.

A iniciação científica foi muito importante para a minha formação, primeiramente porque me inseri no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais (NEPE)<sup>9</sup>. Nesse momento, começo a entrar na pesquisa científica e a ter um novo olhar para ela. Reconhecia a importância dos laboratórios, da universidade como

---

<sup>7</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Mestra em Educação Física na Universidade Gama Filho, UGF, Brasil. Graduada em Educação Física pela EEFD/UFRJ (1987). Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7724436321849622>>. Acesso em: 20 set 2021.

<sup>8</sup> Doutora em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil, na área das Ciências Humanas. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil. Graduada em Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1442579234138944>>. Acesso em: 21 set. 2021.

<sup>9</sup> Núcleo criado no ano de 2007 com a preocupação de agregar as ações de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Centro de Educação, além de possibilitar e expandir o conhecimento científico produzido em benefício dos sistemas educacionais do Estado do Espírito Santo.

promotora de pesquisa científica, mas sempre pelo olhar dos outros. Quando passo para posição de aluna-pesquisadora, vivo a realidade, das dificuldades que os pesquisadores enfrentam, a falta de recursos, os julgamentos e a desvalorização por parte das autoridades.

Assim, começo a defender mais e a debater sobre a valorização e o incentivo da pesquisa e das Universidade Federal, imaginando que em sala como professora eu afirmaria essas questões ensinando-os. Foi por meio da experiência na iniciação científica que aprendi a escrever melhor os trabalhos acadêmicos, a fazer as minhas próprias reflexões, a entender e saber fazer uma revisão bibliográfica e, principalmente, a me abrir para a área pedagógica do curso. Sim, quem diria, eu, que ao entrar na universidade havia me decepcionado com as questões pedagógicas do curso, agora me identificava como uma pesquisadora em formação não só da Educação Física, como também da Educação.

Sobre isso, no texto de Figueiredo, Plotegher e Alves (2019) em que é abordado a pesquisa e os princípios educativos no processo de formação profissional, as autoras afirmam que a participação em laboratórios de estudos e pesquisas indica que as aprendizagens passam pelo desenvolvimento acadêmico, principalmente em relação à escrita e à leitura e que pertencer a esse espaço, influencia sua identidade, sendo essa atrelada a ideia do professor pesquisador. O espaço do núcleo e a participação na iniciação científica construíram e reconstruíram o meu “tornar-me” professora.

## **5 A IDENTIFICAÇÃO COM O SER PROFESSORA POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

No quinto período, efetivamente foi o momento que me reconheci como uma professora de Educação Física em formação. A experiência do Estágio Supervisionado da Educação Física na Educação Infantil ocorreu próximo a UFES mesmo, no CMEI Maria Nazareth Menegueli, em Andorinhas. O estágio supervisionado me proporcionou exercer a função de colocar em prática conteúdos, abordagens metodológicas e o conhecimento teórico ensinados e discutidos em sala de aula. Possibilitou o contato com a escola, não só por uma hora, mas por uma manhã inteira e por dias diferentes; com o ambiente escolar, de intervalo dos alunos, troca de aulas, professores planejando aula, de dias específicos com apresentações das turmas e a agitação de todos presentes na escola; possibilitou também o convívio com outros profissionais da educação, da limpeza e da administração da escola.

Proporcionou, pela primeira vez, planejar mais que duas ou três aulas, seguidas, com temas propostos pela professora de Educação Física da escola em conjunto com a professora da disciplina de Arte. Agora era hora de dar aula e de começar a experienciar a realidade da escola pública, pois “Durante seu desenvolvimento, o ECS adquire relevância para o estudante, pois neste período ocorre o contato com a realidade escolar, se intensificam os saberes disciplinares, é melhor compreendida a identidade de professor” (PEREIRA, et al. 2019, p. 2).

Outra vez, por mais que eu estivesse realizada com a experiência – e confesso que muitas vezes eu estive triste, cansada mentalmente e fisicamente – quando dava as aulas em conjunto com as minhas amigas, facilmente renovava as minhas forças e energia. Ainda enxergava como um desafio trabalhar na educação infantil, principalmente com o “grupo 2” que nem sabia falar direito. Na maioria das aulas tinha dificuldade na montagem dos planos de aula e principalmente nos objetivos. Inicialmente não conseguia enxergar as atividades como Educação Física, já que, a proposta era trabalhar com telas de artistas.

No decorrer do estágio fui entendendo melhor meus alunos, suas dificuldades, carências e potencialidades e isso ajudou a preparar melhor as aulas. A pesquisa

também nos ajudou a identificar brincadeiras e circuitos que pudessem trabalhar os temas como a Vendedor de Frutas, Pescaria e Pontos Turísticos de Vitória. Meu grupo conseguiu trazer a proposta de *slackline* no último tema contextualizando com a Praia de Camburi e até as crianças menores participaram desconstruindo a ideia de que é impossível dar uma aula de Educação Física para crianças do grupo 2.

Esta experiência me fez crescer e amar a educação infantil, porque por mais trabalhoso que fosse preparar uma aula para crianças de 2 e 4 anos, o resultado era mais agradável e atrativo para mim. As crianças participavam de todas as aulas, todos os conteúdos e atividades propostos em sala eram aceitos e elas se divertiam muito. Contudo, as percepções construídas lá atrás em minha infância falavam mais alto e, por isso, eu sentia falta de inserir e ensinar o esporte de forma técnica e de iniciação. Mais um reflexo das minhas aulas de Educação Física na educação básica e das minhas experiências.

Eu entendi que essa possibilidade só seria trabalhada no Ensino Fundamental e Ensino Médio, e mesmo assim não era certo, pois nos estágios obrigatórios trabalhamos em grupos e o tema escolhido precisa ser de bom para todos os envolvidos, principalmente para os alunos. Acredito que seja por isso que me identifiquei muito mais com o Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I porque seria mais real externar meus desejos e minhas perspectivas de uma aula de Educação Física, construídos referentes as minhas aulas de educação física escolar e as minhas experiências com o esporte, nas olimpíadas e fora da escola também.

Antes da turma ir para as observações na escola, tivemos as aulas teóricas em sala, em um desses momentos prévios. A professora da disciplina nos apresentou o conceito de experiência por Larrosa (2002) e pediu para que escrevêssemos um memorial em relação às nossas experiências na educação básica. Em minha escrita era óbvio a minha ligação com o esporte:

*Percebo que desde o fundamental eu gostava desse ambiente esportivo, competitivo, de ganhar e perder e de torcer. Parte disso constrói o que sou hoje, ligada mais ao esporte do que a brincadeiras, questões culturais e outras temáticas da Educação Física. (Sulamita)*



Entretanto eu já escrevo essa atividade com uma outra mentalidade, pois as experiências na formação inicial até o momento haviam me feito compreender que a Educação Física é uma área que tematiza atividades corporais em dimensões culturais e sociais, envolvendo brincadeiras, jogos cooperativos, atividades e debates de inclusão. Isso é nítido na parte do mesmo texto acima que eu escrevo:

*Acredito que não é ruim gostar do esporte desde nova, já que, geralmente é ensinado apenas o jogar sem focar nas regras; não é ruim querer ganhar ou possuir um espírito competitivo, porém, a criança não deve apenas se sentir bem quando ganha, nem inferiorizar o outro que não ganhou ou que não sabe jogar. É importante a criança se divertir enquanto joga, entender a derrota, respeitar aquele coleguinha que tem dificuldades em realizar um jogo ou até mesmo uma brincadeira, não se sentir melhor do que ninguém por saber mais e sim querer ajudar o próximo. Essa experiência me faz querer no futuro (e no estágio) ensinar meus alunos de forma diferente, não só o saber jogar, mas a se relacionar com o outro em momentos competitivos assim. Além de diversificar, não passar só o futsal, passar mais brincadeiras, de acordo com a idade, resgatar as brincadeiras tradicionais, construir momentos de aprendizagem e de diversão, proporcionar aulas com jogos diferentes, adaptados, cooperativos que possam impactar de alguma forma os meus alunos. (Sulamita)*

O Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Ceciliano Abel de Almeida”, em Itararé, Vitória. Meu grupo de estágio seria responsável pelas turmas do 1º ano e 4º anos e percebemos que seria acessível como conteúdo alguma modalidade esportiva.

Diferentemente do primeiro estágio, em que nossas intervenções se caracterizavam por vivências para os alunos, neste, a professora propôs que trabalhássemos apenas um conteúdo em 10 aulas abrangendo a história, fundamentos, regras e técnicas, ou seja, um conhecimento aprofundado, o que me deixou muito contente. Não me esqueço da fala da professora supervisora Kezia Rodrigues Nunes, quando ela afirmava que: “é importante que os alunos saibam como jogar, saibam as regras. É legal saber jogar, saber fazer um passe, saber determinada técnica para conseguir fazer o movimento”. Finalmente alguém estava falando a minha língua.

Nesse período do Estágio Supervisionado no EF também estávamos tendo a disciplina de Conhecimento e Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos, o que fez com que as duas matérias caminhassem juntas para o meu grupo. A professora

responsável pela disciplina de CMEEC, Mariana Zuaneti Martins<sup>10</sup>, promoveu o Tênis como conteúdo e os métodos de aplicá-lo nas aulas de Educação Física Escolar, além de levar um convidado que trabalha com a iniciação do Tênis para crianças. Eu e os outros integrantes do grupo de estágio decidimos, então, que este seria o nosso conteúdo das aulas para as turmas de 1º e 4º ano do EF na escola.

Abrindo um parêntese: é na disciplina de Conhecimento e Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos que eu também tive experiências marcantes. Primeiro porque era a matéria que eu estava mais ansiosa para cursar, devido a toda a minha trajetória com os esportes e por isso criei as minhas expectativas, sendo surpreendida a cada aula e segundo (e mais importante) porque me passou e me tocou, pois me fez enfrentar alguns dos meus medos e limites. É nessa matéria que vou desconstruindo as minhas ideias de aplicar o esporte na escola e descobrindo possibilidades novas. A professora desta disciplina também pediu para realizarmos um memorial: *Como foram suas experiências esportivas ao longo da vida?* Sendo sincera, revisitando o meu texto é um dos que mais me comove agora. A narrativa conta tudo o que escrevi aqui inicialmente nas minhas memórias, mas enfatizando as minhas frustrações de não ter seguido a carreira de atleta:

*Desisti do futebol e passei a ter mais afinidade com o basquete e o vôlei, desejando também ser atleta de um desses dois (e desejo até hoje), porém, em vão, porque ainda não tive contato com algum clube ou escolinha para praticar e treinar, nem tempo, além de continuar me sentindo insegura, incapaz de jogar e de agora estar velha. Confesso que o sentimento que tenho hoje é de frustração. Me sinto frustrada na vida por não ser atleta. Isso dói muito, mas o fato de estar fazendo educação física me conforta um pouco, pelo contato que tenho com os esportes e por saber que no futuro vou conseguir trabalhar no meio, pois agora o sonho já é outro, é ser uma treinadora. (Sulamita)*

Ainda nesse momento, por mais que eu já estivesse me vendo como professora de Educação Física, a projeção que eu tinha era de seguir outros caminhos além da atuação na escola, que era trabalhar como técnica de algum time.

---

<sup>10</sup> Professora Adjunto A da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), dos cursos de Educação Física e do Programa de Pós Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação Física. É doutora (2016) e mestra (2012) em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas, instituição pela qual é formada em Educação Física e Cientista Social. Possui experiência nas áreas de Sociologia do Esporte, Pedagogia do Esporte e Gênero. É integrante do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) - UFES. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7281518704205888>> Acesso em: 25 set 2021.

Em um outro instante da disciplina ocorreu a elaboração de um Festival de *Handbeach* (handebol de praia) pela turma Tiradentes. Esse também foi um enorme desafio que tive por várias questões: precisava pesquisar uma modalidade que eu não conhecia, elaborar todo um regulamento do festival, treinar com a minha equipe e o pesadelo de jogar e competir. Na atividade final requisitada pela professora, eu cito esses obstáculos:

*De início fiquei surpresa porque estava na equipe responsável por algo que eu não tinha ideia de como fazer, não tinha noção de como era estruturado um regulamento e porque eu me identificava muito mais com a infraestrutura (que fiquei no festival passado e foi muito bom e produtivo), ou, com a equipe de mídia (que por ser formada em multimídia, talvez produziria muito mais). Entretanto, aceitei isso como um desafio, e percebi que eu aprenderia coisas novas. (Sulamita)*

A última vez que eu competi foi no 2º ano do ensino médio e em gincanas nos eventos da igreja. Aliás, até as gincanas eu estava evitando participar devido ao meu excesso de competitividade, de não saber lidar com a derrota e de me estressar facilmente, não controlando as minhas emoções. No meu relato de experiência também escrevo sobre esse medo de jogar:

*Tratando mais especificamente de mim, confesso que estava bem receoso de participar do festival. Não queria jogar de jeito nenhum, estava insegura de não saber jogar, de errar passe, não conseguir finalizar e nem marcar o adversário. Por mais que eu aprecie o esporte, os jogos de diversas modalidades e principalmente as competições, quando se trata de eu estar no lugar de jogador, de competir e de estar na situação de ganhar ou perder, eu já não gosto muito e muitas vezes opto por não participar, por medo de não ser suficiente para o meu time, de querer ganhar, mas, perder; e de enfrentar os meus adversários, sobretudo os meus amigos e pessoas que sabem jogar e se destacam. (Sulamita)*

Sempre pensei sobre esse bloqueio em relação a competições: como vou tratar isso com os meus alunos nas minhas aulas? Como vou ensiná-los se eu mesma não sei reagir a esses momentos? Com esse festival, por não ter muita escolha, felizmente tive o prazer de participar e de novamente superar os meus medos e frustrações. Os integrantes do meu time a todo momento me incentivaram a jogar e isso me ajudou bastante.

Vejo, porém, que ainda há um obstáculo para eu participar desses eventos. Vivo falando que não ligo se perder, que jogo por brincadeira, que está tudo bem se as

coisas não acontecerem do jeito que quero, mas, falar quando está de fora, apenas assistindo e me mantendo distante do “desafio”, é fácil. É totalmente diferente quando estou fazendo parte diretamente da situação de jogo e de competição, mesmo que seja só uma brincadeira.

Baseando-me nesse festival, cheguei à conclusão de que ainda precisava vencer o medo de jogar e enfrentar os meus limites, para ser uma professora melhor para os meus alunos. Juntando as contribuições da revisão bibliográfica até aqui, concluo que é exatamente assim que acontece uma experiência na nossa formação inicial. É quando contribui para uma reflexão a respeito de nós mesmos e dos nossos saberes, a ponto de entendermos o que precisamos repensar, mudar ou até mesmo continuar para sermos melhores, especificamente no meu caso, uma professora melhor.

Agora, de volta ao período do estágio supervisionado e jamais desmerecendo as outras narrativas, que muito me agregaram e que tiveram impactos em minha formação até chegar aqui, essa experiência de viver à docência no fundamental I foi a que mais me proporcionou realizar o que eu tanto planejava e desejava: ensinar às crianças um determinado esporte. Ainda superou as minhas expectativas, porque percebi que é possível ensinar determinada modalidade esportiva de forma lúdica, divertida e com brincadeiras que ensinam a técnica, o fundamento e as regras.

Outra coisa que começo a enxergar diferente é a necessidade de as aulas estarem perfeitas, de os alunos reproduzirem os ensinamentos, de realizarem as técnicas e tudo dar certo conforme o planejado. A realidade é outra. As crianças não são robôs, com movimentos técnicos. Elas correm, gritam, fazem do jeitinho delas, saem do lugar. Não necessariamente vai ser do jeito que eu imaginei, mas se socializar da melhor forma o conteúdo, com as estratégias possíveis, as crianças conseguem absorver os conhecimentos ensinados. Exatamente isso o que aconteceu: as crianças aprenderam a jogar ou pelo menos brincar com a modalidade do Tênis se divertindo, vivenciando e experimentando algo novo, assegurando um ótimo resultado do nosso trabalho.

Lembra da autora em suas aulas de Educação Física na escola, que ficava chateada com outras colegas que não sabiam jogar? Que era individualista por ser competitiva

demais? Pois então, ela encontrou uma aluna parecida na turma do 4º ano do Ensino Fundamental, que só queria jogar futsal e com os meninos, porque as meninas não sabiam jogar, segundo ela. Ela também nunca aceitava coisas novas, estava presa ao futsal porque jogava em uma escolinha fora da escola. Nesse momento, como professora, precisei buscar estratégias para lidar com a situação.

As atividades sempre eram em grupos em que eles precisavam uns dos outros para realizá-las, porque tínhamos pouco material e um bom espaço na quadra, então a aluna em questão precisava participar da aula com outras meninas e era “obrigada” a dividir os equipamentos. Ao final, ela já estava gostando de praticar o Tênis e muitas meninas a ensinavam e a ajudavam a fazer determinado movimento. Era perceptível a mudança. Bisconsini e Oliveira (2016, p. 348) afirmam que “[...] nesse sentido, o estágio pode ser um momento de repensar práticas e saberes vivenciados na educação básica”, exatamente o que aconteceu comigo.

Isso foi possível devido a proposta da professora de estágio que nos fez entender que é preciso e necessário ensinar aos nossos alunos como se joga, mas respeitando a individualidade de cada um, buscando estratégias e saindo da “iniciação esportiva”.

Durante o curso, percebo que muitos discentes estão acostumados a criticar e não enxergar potencialidades no esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, além de estarmos acostumados a oferecer vivências para nossos alunos, preparar apenas uma aula que eles experimentem alguma modalidade ou uma brincadeira “solta” e que seja só aquilo e em uma outra aula aborda outro tema e outras atividades. Entendo que isso não seja culpa dos professores responsáveis pelas disciplinas do currículo, nem por nós alunos que preparamos os planos de aula. Isso acontece porque só a partir do quinto e principalmente do sexto períodos que temos a oportunidade de estar mais tempo na escola e preparar um número maior de intervenções, conhecendo as diversas formas de aplicar as modalidades esportivas nas aulas de Educação Física.

A partir destas experiências, compreendi a finalidade dos Estágios Supervisionados que partindo do pressuposto de Pimenta e Lima (2004, p. 14):

O estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.

De acordo com as autoras, o estágio supervisionado, nessa perspectiva, permite a ampliação e a análise do contexto em que o estágio é realizado, além de desenvolver no estagiário, habilidades de pesquisador possibilitando a compreensão e problematização do contexto ao qual vivenciam na situação de estágio.

Foi no Estágio Supervisionado da Educação Física na Educação Infantil e do Fundamental I que vi a realidade das escolas e das crianças no contexto que estavam inseridas e que comecei a refletir sobre o ser professor, que tipo de professora eu seria e a importância que um professor tem na vida dos alunos. Sobre a docência, Pimenta (2000) diz que:

Os saberes da docência são constituídos pela experiência, pelo conhecimento e pelos saberes pedagógicos. A experiência que vem da vida escolar. O conhecimento que diz respeito ao saber específico de cada área que o professor deve dominar para ensinar bem. E os saberes pedagógicos que significam a construção de saberes na relação cotidiana escolar, a partir das necessidades pedagógicas colocadas pela prática social da educação.

Antes de entrar na graduação e me inserir na licenciatura, eu tinha comigo a construção do que era ser professor, e apesar de ter bons professores na minha formação escolar, a ideia de me tornar professora era assustadora, devido à falta de valorização desta profissão e o medo de não ter uma boa qualidade de vida. Segundo Pimenta (2005, p. 20):

[...] quando chegamos a um curso de formação inicial, trazemos conosco um saber sobre o que é ser professor, ou seja, as nossas experiências de aluno na educação básica, e também sobre as nossas experiências socialmente acumuladas.

A partir dos Estágios Supervisionados que consegui observar a minha identidade de professora de Educação Física ganhando forma, por meio das minhas próprias experiências, ações, angústias, dúvidas e reflexões. Pimenta (1996, p.76) analisa sobre a construção de uma identidade profissional que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

Os Estágios Supervisionados da Educação Física no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio seguiram um outro trajeto dos anteriores. Os dois, respectivamente, foram feitos por minha turma nos anos de 2020 e 2021 durante o período da pandemia do COVID-19 em que as aulas estavam canceladas presencialmente e o cenário das escolas era incerto, por meio do Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (EARTE)<sup>11</sup>. A proposta dos professores supervisores, durante as aulas on-line, foi trazer professores convidados para falar da Educação Física Escolar e do ser professor, da realidade da educação básica. Logo após, em grupo, construímos materiais didáticos com atividades e aulas prontas para futuramente serem aplicadas por professores e realizadas pelos alunos.

No estágio do ensino fundamental II eu e a minha dupla produzimos uma apostila<sup>12</sup> com o conteúdo do Minigolfe: história, regras, movimentos, técnicas, construção de materiais e duas aulas. Segundo Oliveira e Oliveira (2020, p. 51): O ensino do conteúdo se deu pelo aspecto social, em que pode ser discutido com os(as) alunos(as) a questão de ser um esporte elitizado e pela praticidade da construção dos equipamentos para brincar em casa. Além disso, este conteúdo é respaldado na Base Nacional Comum Curricular, sendo caracterizado como esporte de:

Precisão: que é o conjunto de modalidades que se caracterizam por arremessar ou lançar um objeto, procurando acertar um alvo específico, estático ou em movimento, comparando-se o número de tentativas empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa (maior ou menor do que a do adversário) ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo

---

<sup>11</sup> O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da Ufes aprovou, no dia 17 de agosto, a resolução que cria e regulamenta o Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (Earte) na graduação.

<sup>12</sup> Nesse contexto de pandemia, apresentamos como material didático uma apostila digital e que também pode ser impressa, para abordar o ensino do MINI GOLFE em duas aulas, buscando dar subsídios para colaborar com a aprendizagem de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. Este material foi pensado para atender, tanto para os(as)alunos(as) que possuem acesso à internet e ao computador, quanto para aqueles(as) que não possuem. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sesef/issue/view/1288/804>>. Acesso em: 25 set 2021.

(mais perto ou mais longe do que o adversário conseguiu deixar). (BRASIL. Ministério da educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC, v. 2, 2017., 2017, p. 216).

No ensino do estágio, referente ao ensino médio, fiz em grupo, o mesmo do estágio supervisionado no fundamental I. Construímos também uma apostila<sup>13</sup>, mas agora com o ensino das práticas corporais de aventura: na natureza e urbanas (escalada, parkour e carrinho de rolimã):

As Práticas Corporais de Aventura - PCAS se justificam nas aulas de Educação Física escolar por se constituírem um conjunto de práticas de caráter educativo e pedagógico, pois além de auxiliar na consciência ambiental dos estudantes, gera interesse e motivação pela participação nas aulas por ser uma prática recente dentro das escolas, que proporciona percepção de liberdade, sensações e emoções (TAHARA; CARNICELLI, 2012, p. 62).

Mais um momento da minha formação que, refletindo, percebi as transformações advindas das experiências marcantes. Deixa-me refrescar sua memória, porque até aqui foi um bom caminho percorrido, não é? Lembra do meu pré-conceito sobre as práticas de aventura? Se você me perguntasse lá em 2017, na minha entrada na graduação, se eu daria uma aula de Educação Física com esse tema para os meus alunos, eu com certeza, negaria. Não, eu não daria. Mas concluindo a minha formação, com muita pesquisa, com a ajuda dos meus professores e colegas, visualizei e construí (com o grupo) aulas com a prática.

Alguns alunos optaram por não cursar essas duas disciplinas no formato EARTE porque não conseguiam enxergar isso positivamente na formação. No meu caso, agregou em minha formação e significou um fio que me permitia ainda estar conectada a Licenciatura em Educação Física, pois esse período de pandemia foi bem difícil pra mim, como aluna e como futura professora. É a partir daí que começo a questionar: o que é ser professora? Será que eu estou preparada para ser? Para assumir uma profissão que em um piscar de olhos se tornou prejudicada por um motivo que não tínhamos controle? Como dar aula on-line? Como dar aula online para crianças? Exclusivamente, a aula de Educação Física, que é prática, é visual, é presencial.

---

<sup>13</sup>Apostila, para abordar o ensino das Práticas Corporais de Aventura (PCAs) em 3 conteúdos, buscando dar subsídios para colaborar com uma aprendizagem significativa e diversificada para os estudantes do Ensino Médio.



Essas dúvidas também fazem parte da minha identidade profissional, mesmo que no momento eu acredite ser apenas um conflito. Para Santos, Bracht e Almeida (2009 p. 147) “[...] a identidade é um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão, como cada um sente e se diz professor (uma estilística da experiência vivida pelo professor de maneira própria).”

Comecei, então, a me afastar da área. Paralisei a escrita do meu TCC e trancar o curso passou a ser uma opção. Mas eu não poderia, meus pais ficariam desapontados comigo, pois o sonho e a vontade deles era de me ver formada em uma Federal e, depois de tudo o que me aconteceu, de ter chegado até aqui, no último ano, teoricamente, de faculdade desistir de tudo? Simultaneamente a esse desânimo, comecei a trabalhar na área que sou formada pelo curso técnico, como *social media*, cuidando das redes sociais de lojas de moda e criando artes gráficas. A minha afinidade pela moda começou a se tornar maior e o sonho de cursar Moda, juntamente com as inseguranças de ser professora de EDF, pesaram e eu só me via formando, por formar.

Entretanto, sabe aquele fio que ainda me prendia? Pois é, ele foi essencial porque eu vi uma possibilidade de unir a minha área das mídias e da Educação Física Escolar com a produção das apostilas e materiais didáticos. Além de poder estar em contato com a produção de conhecimento, pesquisando sobre os esportes, sobre as aulas, sobre a educação básica. Verdadeiramente foi o que me fez reencontrar, depois de um bom período de dúvidas a respeito do curso e das atuações na escola. Depois dessas experiências, ainda com muitas circunstâncias e situações contrárias do cotidiano ao meu envolvimento com a Licenciatura em Educação Física, decidi terminar a faculdade e exercer a profissão na escola. Ainda penso em trabalhar com outras áreas, confesso, principalmente em eventos esportivos, mas a minha identidade de professora tem se construído por cada experiência que de certa forma me atravessou e me atravessa e tem sido modelada a cada dia que passa, na certeza de que a minha formação não acaba por aqui.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da afinidade pela escrita de um memorial, noto uma complexidade em transcrever minhas memórias sobre a educação física escolar juntamente com as reflexões a respeito da minha identidade profissional e das minhas experiências na formação inicial. Ao eleger o memorial de formação como Trabalho de Conclusão de Curso, desejava resgatar a minha própria trajetória escolar para entender a minha formação acadêmica no presente e se existiam influências do meu passado na escolha do curso e na construção das minhas percepções a respeito da Educação Física. Igualmente com o desejo de mostrar que o trabalho de um memorial pode ser significativo e é capaz de colaborar com o processo formativo dos demais alunos.

Escrever e refletir com maior profundidade sobre as minhas experiências no passado, sobre quem eu fui, sobre os meus medos e anseios, permitiu que eu me conhecesse internamente e fez entender muitos dos meus comportamentos e dos meus pontos de vista atuais, como por exemplo a prioridade aos esportes competitivos nas aulas e na área de Educação Física. Essa preferência, segundo a minha compreensão a respeito das leituras dos artigos e textos dos autores presentes neste trabalho, se deu em decorrência das minhas vivências e experiências sociocorporais da infância, mais especificamente as que me tocaram, me aconteceram e me passaram. Sábias palavras de Larrosa!

Mas essas narrativas sistematizadas também fizeram reafirmar as mudanças e transformações que aconteceram em mim ao longo da minha passagem pela Universidade Federal. A decepção com o curso pela presença de disciplinas pedagógicas, porque já entrei com a minha própria noção biológica da área, deu lugar a uma compreensão e identificação com a Licenciatura em geral, a pesquisa e a disciplinas teóricas. A rejeição de matérias em educação e inclusão e temáticas transversais foi substituída pela compreensão da importância desses saberes nas aulas de Educação Física, dentro das escolas e na construção de uma sociedade mais igualitária. Como professora, tenho um papel importante na educação de meus alunos, não assumindo a responsabilidade de pai e mãe, mas influenciando para o bem social.

A formação inicial me abriu oportunidades, permitindo que eu ampliasse a minha visão de mundo a partir das experiências vividas durante todo o meu processo na Licenciatura em Educação Física, envolvendo também as minhas convivências com o outro nos espaços da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A formação no geral pode exercer grandes influências sobre a humanidade, ou seja, é para além da sala de aula, pois a: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, Paulo.)

Penso que eu poderia ter vivido mais a Universidade, principalmente o CEFD e o próprio curso, mas tudo o que vivi foi importante e expressivo para a minha formação e certamente me impactaram e construíram a minha identidade de Professora de Educação Física.

Serei professora? Ainda não sei. Apesar de me identificar e de querer muito exercer a profissão, muitas inseguranças ainda insistem em falar mais alto dentro de mim, juntamente com o medo de não conseguir cuidar de 30 crianças ou adolescentes, de algum aluno se machucar em minha aula ou de ser insuficiente. O que eu sei é que hoje, depois de ter me reencontrado na área, planeio seguir sim esta profissão, tentar e fazer o possível para atuar como Professora de Educação Física, deixando as demais formações minhas em um segundo plano e buscando o meu sonho!

## 7 REFERÊNCIAS

ANAVITÓRIA. **Amarelo, azul e branco**. Rio de Janeiro. Universal Music, 2021. Disponível em: [https://open.spotify.com/album/43Q8jiKg8whuFnVCwA1xOC?si=PXIEmjzWSxi3um95c0LoMQ&dl\\_branch=1](https://open.spotify.com/album/43Q8jiKg8whuFnVCwA1xOC?si=PXIEmjzWSxi3um95c0LoMQ&dl_branch=1) . Acesso em: 20 de set. de 20221.

BÍBLIA. 1 Samuel. Português. **Bíblia sagrada**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Ed. Imprensa da Fé, 2000. v. 12, p. 211.

BISCONSINI, Camila Rinaldi; DE OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli. O estágio curricular supervisionado na formação inicial para a docência: as significações dos estagiários como atores do processo. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 347-359, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf) . Acesso em: 25 de Outubro de 2020.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 11-30, 2002.

CARDOSO, Inês; BATISTA, Paula; GRAÇA, Amândio. A identidade do professor de Educação Física: Um processo simultaneamente biográfico e relacional. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 22, n. 2, p. 523-538, 2016.

DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002.

DOS SANTOS, Núbia Zorzanelli; ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter. Vida de professores de educação física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 15, n. 2, p. 141-165, 2009.

DOS SANTOS, Wagner; DE LIMA MAXIMIANO, Francine; FROSSARD, Matheus Lima. Narrativas docentes sobre avaliação do ensino-aprendizagem: da formação inicial ao contexto de atuação profissional. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 739-752, 2016.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 14, n. 1, p. 85-110, 2008.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina; PLOTTEGHER, Ândrea Tragino; ALVES, Cláudia Aleixo. Experiências formadoras da docência em Educação Física: estudo das trajetórias dos discentes. **Pensar a Prática**, v. 22, 2019.

FREIRE, Paulo. " Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.

GATTI, Bernardete et al. **A atratividade da carreira docente no Brasil**. Fundação Victor Civita, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2004.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, n. 19, p.20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

LEGIÃO URBANA. **Pais e Filhos**. EMI. 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22488/#album:as-quatro-estacoes-ao-vivo-2004> . Acesso em: 20 de set. 2021.

OLIVEIRA, Ayra Lovisi et al. Professores de educação física e a produção dos saberes: em busca do fio da meada. **Pensar a prática**, v. 19, n. 2, 2016.

OLIVEIRA, Bianca Henriques; OLIVEIRA, Sulamita Alves; O ENSINO DO MINIGOLFE: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **V SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: CURRÍCULOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA ANAIS 2020**.

PEREIRA, Steffany Guimarães Pitangui et al. Trajetória de estudantes na formação inicial em educação física: o estágio curricular supervisionado em foco. **Journal of Physical Education**, v. 29, 2019.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor. **Rev. Fac. Educação**, São Paulo, v.22, n.2, p. 72-89, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 15-34.

PUHL, Marta Regina; PEREIRA, Neiva. **Memórias da Educação Física Escolar e Escolha do Curso de Graduação**. In CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XXI, 2011, Porto Alegre.

QUARANTA, André Marsiglia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Histórias de vida e experiências docentes no estágio supervisionado de licenciandos em Educação Física-modalidade EAD. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 19, n. 2, p. 185-205, 2013.

RIBEIRO, Maique Vinicius Rigueti; BERTO, Rosianny Campos; RODRIGUES, Aline Britto. Trechos do caminho: práticas compartilhadas no âmbito do PIBID/UFES. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 4, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. P. (Org.). Pesquisa (Auto)biográfica: **Trajetórias de formação e profissionalização**. Curitiba: CRV, 2013.

TAHARA, A. K.; FILHO, S. C. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Revista Ciência do Esporte**. Bahia, v. 1 n. 1 p.60-66, 2012.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista brasileira de Educação**, v. 13, n. 5, p. 5-24, 2000.

VIEIRA, Aline Oliveira; DOS SANTOS, Wagner; NETO, Amarílio Ferreira. Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 18, n. 3, p. 119-139, 2012.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz et al. Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de pesquisa formação do (a) pesquisador (a). **Movimento**. Porto Alegre. Vol. 12, n. 2 (maio/ago. 2006), p. 09-33., 2006.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A

TEMÁTICA	TÍTULO	REVISTA	PALAVRA CHAVE	ANO	AUTOR/AUTORES
Histórias de Vida	PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRODUÇÃO DOS SABERES: EM BUSCA DO FIO DA MEADA	Pensar a Prática	biografia	2016	Ayra Lovisi Oliveira Ludmila Nunes Mourão Dinah Vasconcellos Terra Kalyla Maroun
Histórias de Vida	Histórias de vida e experiências docentes no estágio supervisionado de licenciandos em Educação Física - modalidade EAD	Movimento	formação de professores	2013	André Marsiglia Quaranta Giovani De Lorenzi Pires
Histórias de Vida	Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência.	Movimento	formação de professores	2016	Núbia Zorzanelli dos Santos Valter Bracht Felipe Quintão de Almeida
Experiências Sociocorporais	Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física	Movimento	formação inicial	2008	Zenólia C. Campos Figueiredo
Experiências Sociocorporais	Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber	Movimento	formação inicial/trajetória	2004	Zenolia Christina Campos Figueiredo
Estágio Supervisionado	O estágio curricular supervisionado na formação inicial para a docência: as significações dos estagiários como atores do processo	Motrivência	formação inicial	2016	Camila Rinaldi Bisconsini Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira



Estágio Supervisionado	TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM FOCO	Educação Física da UEM	trajetória	2019	Steffany Guimarães Pitangui Pereira Fabrício João Milan Eduardo Batista Von Borowski Thais Rodrigues de Almeida e Gelcemar Oliveira Farias
Narrativas	Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador (a).	Movimento	narrativas de formação	2006	Elisandro Schultz Wittizorecki Fabiano Bossle Lisandra Oliveira e Silva Lusana Raquel de Oliveira Maria Cecília Camargo Günther Marzo Vargas dos Santos Mônica Urroz Sanchotene Rosane Kreuzburg Molina Vera Regina Oliveira Diehl Vicente Molina Neto
Narrativas	Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente	Movimento	narrativas de formação/formação de professores	2012	Aline Oliveira Vieira Wagner dos Santos Amarílio Ferreira Neto
Narrativas de Formação	O tornar-se professor de Educação Física na formação inicial: um olhar sob as narrativas de formação	Motrivivência	narrativas	2018	Gabriella da Silva Pereira Zenolia Christina Campos Figueiredo
Narrativas de Formação	EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS DOS DISCENTES	Pensar a Prática	formação de professores	2019	Zenólia C. Campos Figueiredo Ândrea Tragino Plotegher Vitória Cláudia Aleixo Alves
Narrativas de Avaliação	NARRATIVAS DOCENTES SOBRE AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM: DA FORMAÇÃO INICIAL AO CONTEXTO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Movimento	narrativas	2016	Wagner dos Santos, Francine de Lima Maximiano Matheus Lima Frossard

Narrativas no PIBID	TRECHOS DO CAMINHO: PRÁTICAS COMPARTILHADAS NO ÂMBITO DO PIBID/UFES	Pensar a Prática	narrativas de formação	2016	Maique Vinicius Riguete Ribeiro Rosianny Campos Berto Aline Britto Rodrigue
Identidade do Professor	A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM PROCESSO SIMULTANEAMENTE BIOGRÁFICO E RELACIONAL	Movimento	formação de professores/ formação docente	2016	Inês Cardoso, Paula Batista, Amândio Graça